

Saiba um pouco mais sobre a didática interética em artigo de Manoel de Almeida

O negro e a sua realidade estão ausentes dos conteúdos didáticos num país em que a maioria da população é negra

O Núcleo de estudos Negros (NEN) de Santa Catarina reflete sobre as falas negras na educação

Cooperativa Steve Biko facilita o acesso de estudantes negros à universidade

"Multiracial", "interética" pluricultural

Entrevista:

Uma Revista a Serviço da População Negra - nº 02

GRÁFICA

TC
DH/C 02
D-45

"Se queres escrever este país, aprende primeiro a lê-lo."
Mia Couto - militante jornalista moçambicano, integrante da FRELIMO - Frente de Libertação de Moçambique

GBALA

Uma revista a serviço da população afro-brasileira é uma publicação da Sociedade Afro-Sergipana de Estudos e Cidadania - SACI - Rua João Pessoa, 320 - Sala 405 - Centro - Aracaju/SE • CEP 49019-900 • Telefax: (079) 222-8202.

Conselho Editorial: Carlos Trindade, Rosana Soares, Regina Azevedo, Lise Guimarães, Elis Machado, André Ferreira, Cleones Silva e Mirian Nogueira, Maria Nely Santos.

Edição: SACI

Revisão: Carlos Trindade, Verônica Gomes, Robson Anselmo.

Responsável Administrativo: Robson Anselmo.

Responsável Técnico: Gláucia Maria (CONRRP 1287)

Projeto Gráfico/Editoração Eletrônica: Amauri Cunha 2.177-DRT/PE

Capa: Efeito eletrônico sobre foto da sala de aula da Cooperativa Steve Biko -

Fotolito e Impressão: Grafiaser - Gráfica Eletrônica. Fone: (081) 221 3312.

Tiragem: 1.000 exemplares.

As opiniões emitidas nos textos assinados são de total responsabilidade dos autores. É permitida a reprodução total ou parcial dos textos, desde que preservada a integridade das idéias e citadas as fontes.

Canata e decantada por indivíduos de orientação é "transformadora" ou "conservadora", a educação é

apresentada como um passaporte seguro para uma vida melhor e entra como ponto a ser considerado na definição do que seria uma sociedade desenvolvida ou não. Um código valioso que, no Brasil, é decifrado por poucos. Ainda anunciando as falhas do sistema educacional do nosso país e percebendo-o como um dos principais aparelhos de reprodução de uma ideologia que menospreza a herança indígena e africana do povo brasileiro, o movimento negro vem tentando ações nesta área, buscando diminuir as distorções, forjadas durante séculos de escravização. Algo do tipo, "ruim com ela, pior sem ela", já que uma das

argumentações em torno da inexistência da estratificação social por raça em nosso país, seria afirmar que os negros não são absorvidos pelo mercado de trabalho, por não possuírem a qualificação adequada a outras atividades que não as braçais, onde se trabalha muito em troca de salários indignos. Neste número, trazemos várias experiências que estão sendo desenvolvidas pelo país agora, por iniciativas de grupos do movimento negro que tentam ver a escola não como mero espaço de transmissão de informações - nem sempre verdadeiras - mas um lugar de construção e/ou "curtição" de uma identidade. Não apenas o espaço de treinamento/apertejamento profissional, mas onde as pessoas, independente de origem, sintam-se bem, valorizadas, inteiras. E basicamente esta a proposta da pedagogia intercultural que utilizou este formidável espaço/aparelho ideológico a favor da identidade dos vários povos que compõem o povo brasileiro. Além dos projetos, há ainda reflexões que discutem o papel da escola e o processo de construção das desigualdades, abrindo espaço para um questionamento das suas causas e o quanto se tornaram "naturais" no imaginário nacional.

A receptividade à revista tem sido a melhor possível, o que é gratificante para nós. Agradecemos sinceramente o apoio e as correspondências que nos chegaram dos vários cantos do país. A propósito, neste número, incluímos uma seção de cartas e outra destinada aos informes relativos à luta contra as desigualdades sociais. Esperamos que vocês continuem conosco, apoiando, reclamando, sugerindo, dando seu feedback, este é um meio de comunicação e só tem razão de ser a partir da troca.

AXE!!!!

Envie sua carta ao Conselho Editorial da GBalá uma revista a serviço da População Afro-Brasileira

Clodomir Silva,
Pública Municipal
e Diretor da Biblioteca
Araripe Coutinho - Poeta
total apatia cultural. Parabéns.
momento em que vivemos: de
de nós, principalmente no
violenta. A emogão tomou conta
brancos, azuis, amarelos,
orgulho para todos nós negros,
Gloriosa publicação. Motivo de
GBALA:
detrans componentes da Revista
Caríssimo Robson Anselmo e

Ao Conselho Editorial da
Revista GBALA
Companheiros,
No Brasil, em particular no
Nordeste, ainda são raras as
publicações dedicadas
exclusivamente às questões
raciais. A Sociedade
Afrosergipana de Estudos e
Cidadania (SACI) avança ao
editar publicação com ótimo
conteúdo, servindo de
instrumento para despertar a
consciência da população afro-
brasileira. A GBALA se
diferencia da maioria das
revistas também pela sua
programação visual, que reforça
uma imagem positiva do negro
na sociedade. Parabéns a todos
que contribuem para que a
publicação da GBALA seja
uma realidade.
Verador Edvaldo
Nogueira - P C do B/SE

Aos Coordenadores da SACI
Em virtude de compromissos
assumidos anteriormente, fico
impedido em aceitar honroso
convite para o lançamento da
Revista GBALA. Desejo sucesso
e êxito em todas as edições.
Grato,
Deputado Reinaldo
Moura - PFL/SE

Dr. Carlos Alberto
Garcia Leite - Advogado

Ao Amigo Robson Anselmo e
equipe da SACI,
Gloriosa a publicação de tão
significativo meio de
comunicação. A Revista
GBALA é jornalisticamente
bela e, acredito que a população
afro-brasileira necessita de
instrumento de comunicação
onde possa se ver. Sugiro aos
profissionais de comunicação, a
sua reprodução e divulgação, aos
professores, que a utilizem como
material didático e, ao público
em geral que ao possuí-la, se
delicie no seu conteúdo,
ilustrações. Cordialmente,

Coordenadores da SACI,
Em virtude de compromissos
agendados anteriormente, não
foi possível comparecer ao
lançamento da Revista
GBALA. Em tempo,
parabermizamos tão destacada
Sociedade Afrosergipana de
Estudos e Cidadania por mais
este meio de comunicação que
tanto contribuirá para a
cultura brasileira.
Atenciosamente,

Verador José Lopes de
Menezes - Presidente da
Camara Municipal de
Aracaju

Prezados Amigos,
Na oportunidade, congratulo-
me pelo recente lançamento da
Revista GBALA, importante
instrumento divulgador da
cultura afro-brasileira e que terá
um papel decisivo na ampliação
dos horizontes da sociedade
negra de Sergipe, levando
também, além fronteiras nossas
potencialidades. O momento é de
parabermizá-los, certo de que a
GBALA chega como mais um
marco evolutivo no processo de
crescimento da sociedade como
um todo, subscrevo-me, Axeé!
Deputado Renato
Brandão - PT/SE

À REDAÇÃO

ARTAS

sociedade sergipana; além de um grande show com músicos e grupos folclóricos do Estado.

INFORME-SE

ASSESSORIA

Através do Programa para o Desenvolvimento da Cidadania - PRODEC, a SACS está prestando assessorias a Entidades Negras ou do Movimento Popular no Nordeste na área de Planejamento Estratégico e Elaboração de Projetos. Os interessados devem entrar em contato através do fone/fax (079) 222 - 8202.

II SENUN

Acontecerá em Brasília no período de 07 a 09 de junho a 12ª Reunião da CONUN - Coordenação Nacional de Universitários Negros. A reunião convocada pela executiva nacional deliberará sobre a organização do II Seminário de Universitários Negros - II SENUN que deverá acontecer em maio/97 na Unicamp.

**Divulgue sua
ação ou
atividades!
Este espaço é
seu!**

A organização do evento está a cargo do OLODUM, BA, integrantes do Fórum de Entidades Negras da Bahia - FENBEBA

VIOLÊNCIA

Foi lançado pelo Movimento Nacional de Direitos Humanos - MNDH, Regional Nordeste, o livro número 02 da coleção "Oxente, com o título "Dupla Face da Violência", da autoria de Luciano Oliveira. O texto analisa os resultados levantados pelo Banco de Dados sobre violência no Nordeste, o qual é um dos projetos deste Regional.

SACI- 10 ANOS

Neste ano de 1996, a Sociedade Afrosergipana de Estudos e Cidadania - SACI estará completando seu décimo aniversário de história e luta em prol da cidadania da população afro-brasileira. De 16 a 18 de maio estaremos realizando algumas atividades para celebrarmos este momento. Na pauta, a pesquisa sobre a questão racial no Brasil; a África no processo de globalização e reestruturação produtiva; a visibilidade do negro na mídia e os projetos da SACI para a

ABONG

Esta confirmado o SEMINÁRIO NACIONAL e a ASSEMBLEIA GERAL da Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais - ABONG no período de 29 a 31 de agosto de 1996, na cidade de São Paulo. Em pauta, a conjuntura política nacional, a expressão pública das ONGs no Brasil, as ONGs e o poder local e, por fim, o encaminhamento do processo eleitoral para a nova diretoria da Associação. Maiores informações no fone (011) 829.9102, fax (011) 822 6604. E-mail: abong@ax.apc.org.

CONEN

A Coordenação Nacional de Entidades Negras - CONEN estará realizando de 05 a 09 de junho de 1996, em Salvador, a sua próxima reunião nacional. Dentre as principais temáticas a serem tratadas, está incluída a avaliação do I ENEN - Encontro Nacional de Entidades Negras e as ações e projetos realizados pela CONEN de 1991 até o momento atual. A participação é facultada a Entidades Negras de todos os Estados brasileiros independente da existência de fóruns organizados no estado.

- Editorial ----- pág. 03
- Cartas à Redação ----- pág. 04
- Informe-se. ----- pág. 05
- A Ideologia do Branqueamento no Brasil
- Ana Célia da Silva ----- pág. 07
- Etnicidade e Educação
- Normando Batista Santos ----- pág. 13
- Africanidades Brasileiras e Pedagogias Interétnicas
- Henrique Cunha Júnior ----- pág. 16
- Conquistando a Cidadania
- Elis Machado ----- pág. 20
- Pedagogia Interétnica: reflexões sobre as falas negras na educação
- Jeruse Romão e Ivan Costa Lima ----- pág. 25
- O que se cala quando se fala do negro no livro didático
- José Iran Barbosa Filho ----- pág. 30
- A Pedagogia Interétnica na Escola Criativa Olodum e na Rede Municipal de Ensino
- Manoel Almeida Cruz ----- pág. 33

Sumário

A Ideologia do branqueamento no Brasil

Ana Célia da Silva

Desde a chegada do negro ao Brasil, o colonizador tenta justificar a escravidão, a opressão e sua inferioridade. Muitos cientistas nacionais e estrangeiros contribuíram com suas teorias racistas para internalizar no povo negro o sentimento de inferioridade e procurou mantê-lo "no seu lugar". Nina Rodrigues, por exemplo, em os Africanos no Brasil, afirma que "por maiores que tenham sido os seus incontestes serviços à nossa civilização, por mais justificadas que sejam as simpatias que a cercou ou revoltante abuso da escravidão, há de se constituir sempre em um dos fatores da nossa inferioridade".

A ideologia do

branqueamento objetiva

eliminar o componente negro

da sociedade através da

interiorização da estética dos

valores culturais e processo

civilizatório negro. Para tanto,

o sistema utiliza os

estereótipos que são

veiculados através dos meios

de comunicação e

Instituições. Dentre estas, de

forma sistemática e eficaz,

encontramos a escola, com o

seu currículo eurocêntrico e

materiais pedagógicos,

especificamente os livros

didáticos, nos quais o negro é

quase invisível, quando

visível, o é de forma

desumanizada e estereotipada.

Ao mesmo tempo em que os

meios de comunicação e

instituições representam uma

imagem idealizada e negativa

do negro, apresentam o

branco através de uma

imagem idealizada de belo,

puro, inteligente,

representante da humanidade,

bem como de papéis e

funções qualificadas e

valorizadas na sociedade. A

comparação dessas imagens

idealizadas, uma inferiorizada,

excluída, estigmatizada em

papéis e funções subalternas e

conduz o negro a auto-

rejeição dessa imagem

negativa e imposta, bem

como a procura de

aproximar-se da imagem

imposta como positiva e

aceita. Branquear-se no Brasil,

significa então deixar de ser

desumano, feio, incapaz e

excluído e, tentar, pela

negação dos seus atributos

descreitivos e valores culturais,

aproximar-se estética e

culturalmente do segmento

branco, idealizado

representante da humanidade

e aceite socialmente.

A classe dominante confia

na eficácia da ideologia do

branqueamento como meio

de eliminação da "mancha

negra" e formação de uma

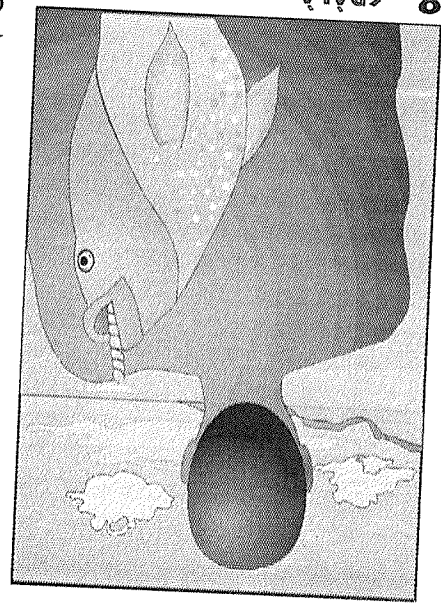
nação, se não completamente

branca mas, pelo menos um

so "povo", com atitudes,

EMERGE

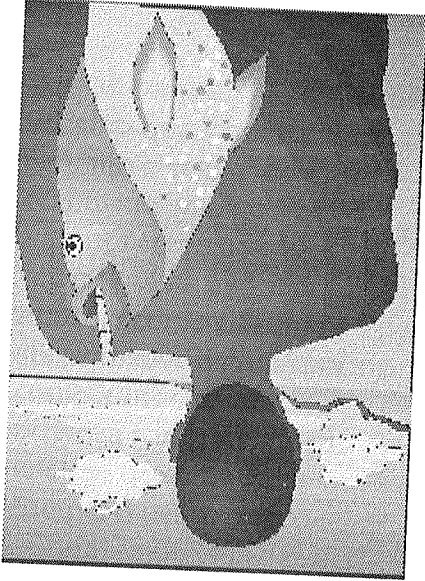




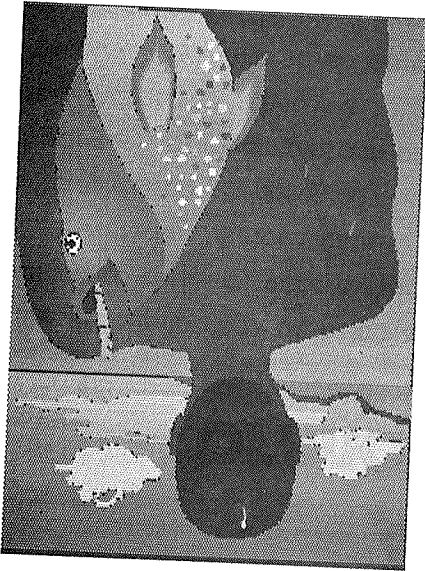
valores e aspirações
 europocêntricas comuns.
 A recompensa atribuída ao
 grau de branqureia, induz o
 negro à miscigenação,
 esperando dessa forma
 maximizar as chances de
 mobilidade ascendente da sua
 prole. (Hasembalg, 1979).
 Dessa forma a ideologia do
 branqueamento divide o
 negro em categorias
 intermediárias, dificultando
 sua organização em busca da
 igualdade de oportunidades e
 respeito às diferenças. Essa
 ideologia, objetiva destruir a
 auto-estima e construção da
 identidade negra ao tempo
 que promove a desunião
 através da rejeição dentro do
 próprio segmento, pelo
 processo de não aceitação do
 seu outro não personalizado,
 ao tempo em que o isola dos
 demais segmentos através da
 manutenção cotidiana de uma
 imagem idealizada negativa,
 uma aparência ideológica do
 Estado.
 Contudo, esse aparente
 determinismo ideológico,
 vem sendo revitalizado
 através das mediações dos
 agentes e instituições sociais

**Razões Históricas
 Para a Construção
 da Ideologia do
 Branqueamento**

negras, que vêm
 desmontando a ideologia,
 reelaborando o cotidiano, as
 experiências, estética e os
 valores culturais negros,
 também cotidianamente,
 objetivando reconstruir sua
 identidade, auto-estima e a
 consequente luta por seus
 direitos de cidadania.



O fim legal da escravidão
 no Brasil, colocou para a
 minoria dominante e para os
 outros brancos imersos na sua
 ideologia, o problema do
 negro majoritário na
 sociedade e com peso social.
 Isso porque a maioria dos
 negros já era crioula, isto é,
 negros nascidos no Brasil,
 dominando a língua
 portuguesa e com uma
 grande maioria
 economicamente
 independente, por terem sido
 alforçados ou por serem
 escravos de ganho,
 diferentes do negro, presentes
 de viver, sentir e pensar
 Haiti, a presença das formas
 recente da revolução negra no
 branca dominante, a visão
 consequências para a minoria
 maioria negra e, das suas
 O medo de um país de
 país.
 predominava por todo o
 enquanto a escravidão ainda
 ocupacional e social,
 considerável de mobilidade
 estabeleceram um grau
 homens de cor, livre,
 essencial a ser notado é que os
 políticos e escritores. O ponto
 prementes como artistas,
 vezes, até a posições
 ocupações qualificadas e, às
 conseguira acesso a
 de homens há muito
 população de cor. Essa classe
 forros constituíam 74% da
 da Abolição), os negros
 nacional (dezessis anos antes
 1872, data do primeiro censo
 antes da Abolição. Assim, em
 ocupada pelo negro forro,
 importância da posição social
 efetivamente o alcance e a
 Klein demonstrou
 A este respeito, Herbert
 diversas profissões.
 desempenhando as mais



Além da proposta de equalização das diferenças como forma de evitar o conflito e estabelecer o consenso sócio-cultural, a ideologia do branqueamento tem a proposta de produzir uma nação branca num futuro não muito distante, a partir do processo de miscigenação, como uma das formas de eliminação do povo negro na constituição brasileira.

Intelectuais, ideólogos e cientistas, ontem e hoje, respaldam a ideologia do branqueamento e a eliminação física e cultural do negro na sociedade brasileira. No período pré-abolição e após ela, intelectuais preocupavam-se em

"Intelectuais, ideólogos e cientistas, ontem e hoje, respaldam a ideologia do branqueamento e a eliminação física e cultural do negro na sociedade brasileira."

com a não legitimação, pelo Estado, dos processos civilizatórios indígenas e africanos, constituintes da identidade cultural da nação. A ideologia do branqueamento objetiva equalizar as diferenças culturais, transformando os segmentos diferentes, como o negro e o índio, em um só povo, o povo brasileiro, vivendo de forma harmônica e consensual, sob a hegemonia da classe minoritária dominante. pretensamenteariana e europeia.

imagem negativa do negro e de uma imagem positiva do branco, tende a fazer com que aquele se rejeite, não se estime e procure aproximar-se em tudo deste e dos seus valores, tidos como bons e pertitos. Esse processo de fuga de si próprio e dos seus valores é consequência da política de branqueamento característica do Estado e das suas instituições oficiais.

A política de branqueamento que caracteriza o racismo no Brasil, se alimenta das ideologias, das teorias e dos estereótipos de inferioridade/superioridade raciais que se conjugam com a política de "apurar a raça brasileira" e

tendem a ser rejeitados, porque passam a ser vistos pela ótica imposta do dominador como primitivos, inferiores ou "folclóricos". Por outro lado, os aparelhos de reprodução ideológica e instituições tais como a escola, a igreja e a própria família, passam a reproduzir a ideologia do dominador, apresentando como único padrão aceito de beleza, inteligência, bondade e perfeição, o modelo branco europeu, sua cultura e seus valores.

A internalização de uma

na sociedade brasileira não oficial, representando o processo civilizatório africano aqui mantido pelo povo negro, determinaram, no sistema, a necessidade de destruir essas perigosas diferenças, de homogeneizar-las através do roló compressor da ideologia do poder branco, que, a partir daí, deveria tornar-se hegemônico, bem como de eliminar, através da miscigenação imposta e de outras estratégias, o elemento negro, tido como mancha nefasta para a nação.

A partir daí, preconceitos e estereótipos são reafirmados no sentido de inferiorizar o padrão estético, moral e cultural e todas as manifestações, especificamente a religiosa. A religião africana sincretizada, ou seja, obrigada pela violência a esconder-se sob as manifestações da religião católica imposta ao negro, passou a ser perseguida com maior violência que antes. Por outro lado, os iníquos, voduns e orixás são associados ao diabo pelos cristãos.

O negro é estereotipado como feio, mau, sem razão, instintivo e sem moral, de uma forma violenta e abrange, pelos aparelhos de reprodução ideológica e instituições oficiais.

A inculcação do estereótipo inferiorizante visa a produzir a rejeição a si próprio, ao seu padrão estético, bem como aos seus semelhantes. Por sua vez, a cultura e seus valores, uma vez inferiorizados, não

branquear os negros.
Homens como Joaquim Nabuco já saíam do processo de libertação legal dos negros pensando em branqueá-los. Ele foi um dos pioneiros em pensar o branqueamento,

Gilberto Freire forneceu ao Brasil e ao mundo um quadro de relações raciais difundido não apenas entre a maioria da elite branca, como também entre muitos negros. Vinte anos após Freire, uma nova

É camuflando a realidade com a ideologia da não-discriminação, que o Brasil alcança, sem tensões, os mesmos resultados que outras sociedades abertamente racistas.⁸

"A manutenção do mito da democracia racial interessa à classe dominante, porque é uma forma de confundir, de escamotear até para o próprio negro..."

A manutenção do mito da democracia racial interessa à classe dominante, porque é uma forma de confundir, de escamotear até para o próprio negro, a sua situação de discriminado e marginalizado das instituições oficiais e da participação nas decisões de poder, uma vez que se constitui em maioria no país.

geração de cientistas sociais chega a conclusões diferentes das suas, contribuindo para a destruição do mito da democracia racial.

Por outro lado, essa ideologia permite a mobilidade de uma minoria que é apontada como exemplo da igualdade de oportunidades e da teoria do esforço individual, porém, o preço a pagar é a perda da identidade e da auto-estima. Embora socialmente móveis, os negros tinham, entretanto, que pagar um preço por sua mobilidade: tinham que adotar a

O sistema de clientela e patronagem mais vigentes no período de Freire podem ser apontados como a causa da receptividade das suas teorias sobre a democracia racial, bem como o sistema competitivo que se desenvolve nos anos sessenta pode justificar o ataque ao mito pelos cientistas sociais modernos, uma vez que a "humanidade" e "subserviência" do negro transformaram-se em "agressividade" e "arrogância" na sociedade competitiva industrial.⁵

...as organizações culturais e políticas e o contato com os outros povos negros na diáspora africana vêm possibilitando o crescimento da afirmação da identidade..."

O mito contribuiu para "obscurecer" os problemas radicais, o caráter paternalista das relações de classe e das relações entre brancos e pessoas de cor, dando lugar a

percepção que os brancos possuíam do problema racial e dos próprios negros. Tinham que fingir que eram brancos. Eram negros especiais, "negros de alma

Ao mesmo tempo em que o Brasil desenvolve essa ideologia de genocídio racial e cultural, apresentava para o mundo a face de uma nação, talvez a única, onde a convivência entre as raças era harmônica e pacífica, a integração se efetivava sem traumas e a miscigenação se realizava através da atração e do amor entre diferentes raças.

branca, expressão pelos brancos brasileiros da classe superior sempre que se referiam aos seus amigos negros.9

Contudo, não é apenas através da política de branqueamento que o Estado brasileiro tenta eliminar o povo negro e sua cultura. Podemos caracterizar como genocídio a política de abandono a que são submetidos os segmentos oprimidos da população, negros e mestiços em sua grande maioria, que efetivamente realiza o projeto de aniquilamento do negro e de outros segmentos minoritários.

Também a eliminação física de muitos dos ditos marginais, bem com de pessoas negras "confundidas" como marginais pela polícia e órgãos de extermínio, em número que aumenta dia a dia assustadoramente: o desemprego, a fome e a consequente marginalização; os altos índices de mortalidade infantil, determinados pela desnutrição e doenças oriundas da fome; a política de esterilização em massa promovida por alguns cientistas brasileiros e instituições financiadas pelo capital estrangeiro e arte instituições estrangeiras com a

complacência do governo brasileiro; o isolamento ativo da mulher negra, determinado pela internalização de estereótipos negativos a seu respeito e pela consequente rejeição a ela pelo homem branco e muitos negros, fazem parte da estratégia genocida de fazer desaparecer no período mais curto possível, o negro da sociedade brasileira.

"A mancha negra tende a desaparecer num tempo relativamente curto em

virtude da imigração branca em que a herança de Can se dissolve."10

Resistência Negra à Política do Branqueamento

O povo negro vem desenvolvendo no Brasil, durante os séculos da sua permanência aqui, os valores do processo civilizatório africano, expandidos pelas religiões africanas e outras instituições da mesma

Xilogravura de Raquel Trindade



origem. Fora das instituições e circuitos oficiais, onde prevalecem a cultura do colonizador, constatamos a forte presença de aspectos fundamentais da civilização africana, os quais oportunizaram o desenvolvimento de uma sociedade paralela à oficial. As religiões afro-brasileiras constituem a forma de ligação com o transcendente de grande parte da população brasileira. Essas religiões determinam usos e costumes africanos, como o vocabulário, a indumentária, a alimentação, hábitos higênicos, a medicina (uso das folhas, chás). Por outro lado, a família negra aqui constituída, guarda profundos traços africanos, seja na constituição de grandes famílias dirigidas geralmente pela mulher, uma vez que grande parte dos homens, sempre sem emprego e sem meios de sustentá-la, geralmente evade do lar, seja no hábito da adoção, bem como na união da parentela em um só lar. Também as organizações culturais e políticas e o contato com os outros povos negros na diáspora africana vêm possibilitando o crescimento da afirmação da identidade, revelada nas posturas consideradas "arrogantes", nas roupas de estilo afro ou europeias - mas estas, revelam uma adaptação ao padrão estético negro - no desuso pelos jovens da alteração de traços físicos para ficarem "bonitos", como alisar o cabelo com ferro quente.

1975. VAN den Bergh apud Thales de Azevedo, Democracia racial, Petrópolis, Vozes, 1975.
 Dídrico da Universidade Federal da Bahia, 1994, no prelo.
 SILVA, Ana Célia da. Discriminação do negro no livro didático, Conselho Editorial Tribuna da Bahia, edições de 01.11.86.
 LUZ, Marco Aurélio. Ideologia do Sincretismo, identidade e pluralismo cultural, Janeiro, Edições Graal, 1979.
 HASEMBALG, Carlos. Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
 JOÃO Pandiá, 1930 apud Abdias do Nascimento, Argumento, ano 1, out. 1973.
 HERBERT Klein apud Thomas Skidmore, Argumento, ano 1, out. 1973.
 1980, pg. 112. Rio de Janeiro, 1979.
 CHIAVENATO, Julio O. O negro no Brasil, São Paulo-Brasiliense, 1975.

BIBLIOGRAFIA:

Brasileiro, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
 10 - PANDIÁ João, 1930 apud Abdias do Nascimento, Genocídio do Negro
 9 - VIOTTI, op. cit.
 8 - DZIDZIENYO apud AZEVEDO, 1975.
 7 - VAN den Bergh apud Thales de Azevedo, Democracia racial, Petrópolis, Vozes, 1975.
 6 - As aspas são nossas. Paulo, Grizalbo, 1977 (mimeo).
 5 - VIOTTI, Emilia, "Da Monarquia à República: Momentos Decisivos", São Paulo, 1980, pg. 112. Rio de Janeiro, 1979.
 4 - CHIAVENATO, Julio O. O negro no Brasil, São Paulo-Brasiliense, cultural, Tribuna da Bahia, edições de 01.11.86.
 3 - LUZ, Marco Aurélio. Ideologia do Sincretismo, identidade e pluralismo
 2 - HERBERT Klein apud Thomas Skidmore, Argumento, ano 1, out. 1973. Paulo-Brasiliense, 1980.
 1 - RODRIGUES, Nina apud CHIAVENATO, Julio O. O negro no Brasil, São Paulo-Brasiliense, 1975.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Convem ressaltar que esse processo de afirmação sofre muitos embates no sentido de desencorajá-lo. Como por exemplo temos as músicas que criticam a estética negra, contribuindo para que as mulheres voltem a imitar o modelo branco, para sofrerem críticas à sua estética, bem com as grandes promoções dos produtos importados americanos para alisar os cabelos "mantendo uma aparência natural", que no momento atual vem "fazendo literalmente as "cabças" das mulheres negras no Brasil. A afirmação ideológica negra, a despeito das tentativas da sua anulação pela política de inferiorização do negro, conduz a uma luta pelo respeito as diferenças e pela possibilidade de uma efetiva integração social, sem renúncia à identidade étnica. Por outro lado, essa luta por respeito a alteridade e pela igualdade de oportunidades, pode conduzir a sociedade brasileira a avançar rumo a uma real democracia, uma vez que é impossível falar em democracia de qualquer tipo num país onde a maioria da sua população vive à margem do processo produtivo oficial e relegada a uma das mais cruéis formas de discriminação, constituída pelo racismo aqui implantado e insidiosamente negado.

Ann Celia da Silva é Pedagoga, Mestre em Educação pela UFBA e militante do Movimento Negro Organizado no Brasil.

Etnicidade e educação

Normando Batista Santos

▲ sociedade brasileira é constituída por diversas etnias. Na formação da nossa civilização, vários povos contribuíram. Apesar dessa diversidade étnica presente na construção da sociedade brasileira, o nosso sistema educacional não reflete essa pluralidade.

Em toda sociedade a educação tem um papel fundamental, sendo um dos principais mecanismos de transmissão de conhecimentos e formação de valores. Para os negros e índios, a educação brasileira

formal e não formal tem sido altamente danosa, altamente prejudicial.

Nosso sistema educacional, da pré-escola à universidade procura ocultar e/ou

distorcer o passado histórico e a cultura

do povo negro na África, nas Américas e aqui no Brasil. Não

se fala do grau de desenvolvimento das civilizações africanas,

não se fala por exemplo que o Egito era uma civilização

negra. A imagem dos povos africanos é estereotipada como

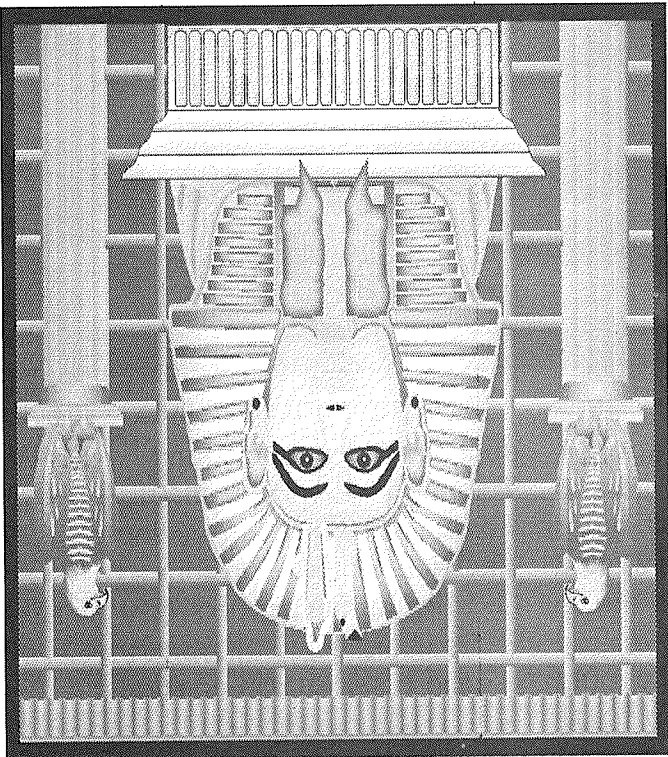
primitivos; Cleópatra e os Farós representados por Elizabeth Taylor e Marlon Brando.

Os nossos currículos são elaborados de acordo com modelos e padrões eurocêntricos; as experiências políticas, culturais e religiosas vivenciadas pelos negros e índios não são abordadas; os livros didáticos, especialmente

os da área de Estudos Sociais, escamoteiam a verdadeira história e significado da presença do negro no Brasil. E comum encontramos textos dizendo que os índios se rebelaram, não aceitaram a escravidão, passando por

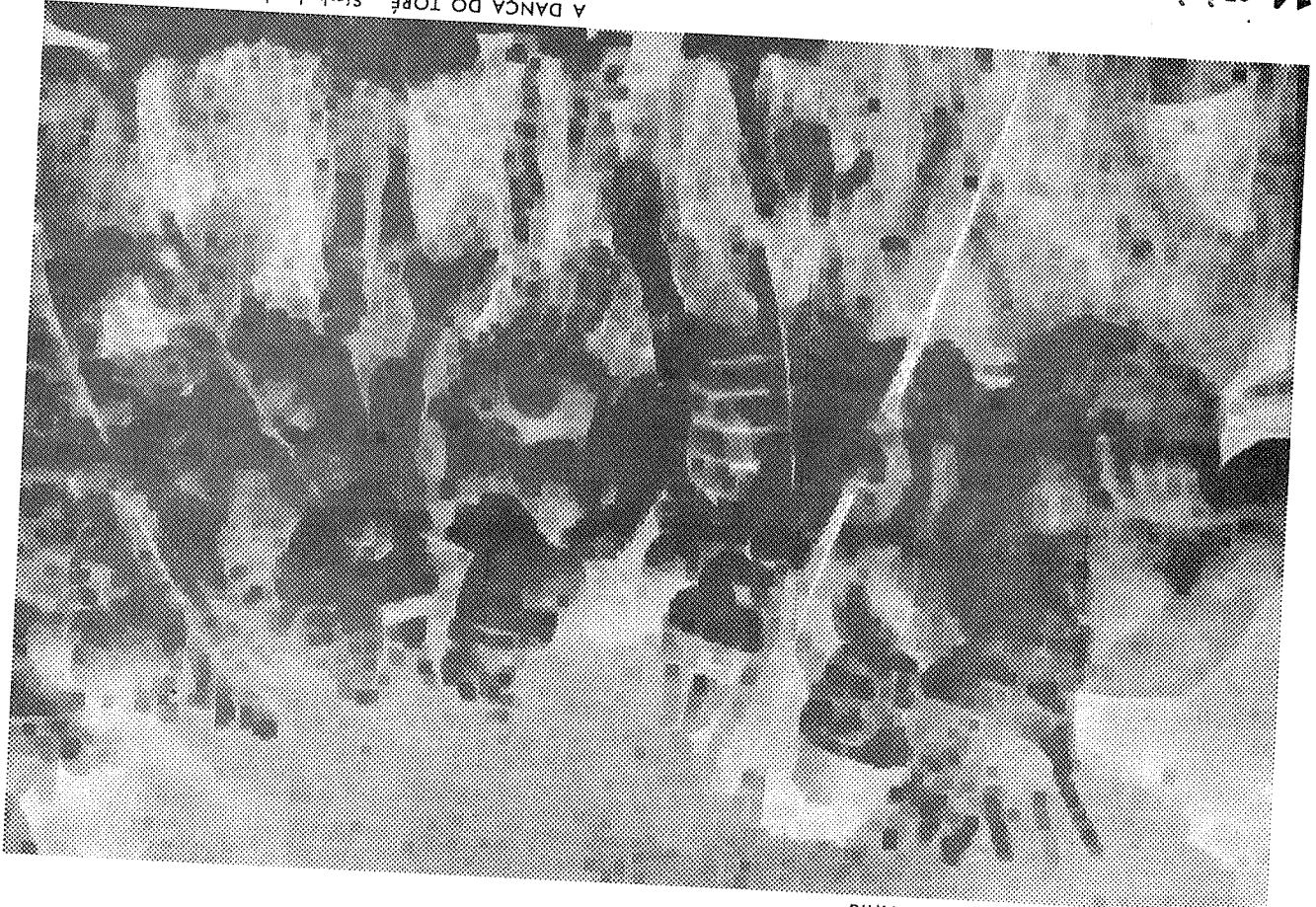
consequente uma ideia de docilidade e submissão à escravidão por parte dos negros. Oculta-se dessa maneira a luta e a resistência negra, desde as formas individuais e desesperadas como o suicídio, o aborto provocado pelas mulheres negras gravidas para não gerarem novos escravos, as fugas, os assassinatos de

fatores e senhores de fazendas, desde as formas individuais e desesperadas como o suicídio, o aborto provocado pelas mulheres negras gravidas para não gerarem novos escravos, as fugas, os assassinatos de



As experiências dos quilombos passaram a ser divulgadas devido ao trabalho de resgate histórico e político realizado por historiadores, intelectuais e militantes comprometidos com a causa negra. As leis abolicionistas não são analisadas com a devida profundidade e, são apresentadas como benefícios concedidos aos escravos, leis que beneficiavam de fato aos proprietários de escravos, como é o caso das Leis do Ventre Livre e dos Sexagenários.

Da mesma forma ainda se apresenta a Lei Áurea sem uma análise mais acurada das consequências da chamada abolição, nos termos em que aconteceu, para a condição atual dos negros brasileiros. A religião afro-brasileira é folclorizada, descaracterizada,



Feito eletrônico sobre foto de Celso Avila

Chama-se ainda de "descobrimento do Brasil" a chegada do colonizador branco, e como acontece em relação ao negro omite-se a resistência e a luta dos povos indígenas que ainda sobrevivem.

Em contraposição ao sistema educacional eurocêntrico, já se desenvolve no Brasil, em várias regiões e Estados, estudos, experiências, projetos e propostas educacionais com uma concepção pluri e/ou intercultural.

Na região Sul tem o trabalho desenvolvido pelos Agentes Pastoraes Negros - APNs que atuam no Rio Grande do Sul. Esse trabalho dos APNs também acontece em outras regiões e Estados. Continua sendo perpetrado contra os povos indígenas.

Tudo isso faz com que os negros introytem, internalizem uma imagem negativa de si mesmo, de sua raça, de sua cultura e de sua religião, provocando uma auto-rejeição, uma auto-estima negativa, em virtude de uma permanente associação ao que é inferior, ao que é ruim, ao que é negativo.

Em relação aos índios fala-se apenas dos Astecas, dos Incas e dos Maias. Quanto aos índios brasileiros, os mesmos só são lembrados folcloricamente no dia 19 de abril, Dia do Índio. Não se aborda o genocídio que continua sendo perpetrado contra os povos indígenas.

Sul, há o trabalho do coletivo de Educadores Negros vinculados ao SEJA - Serviço de Educação de Jovens e Adultos, da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre. O coletivo tem desenvolvido um trabalho de incorporação da temática racial no currículo da educação de jovens e adultos através da formação de educadores e da produção de textos e outros materiais didáticos.

Na região Sudeste, um trabalho interessante é o desenvolvido pelo Geledés junto a grupos de raps, o projeto Podes Crê. Trata-se de um trabalho educativo junto a adolescentes, tendo como eixo o trabalho de dezenas de rappers.

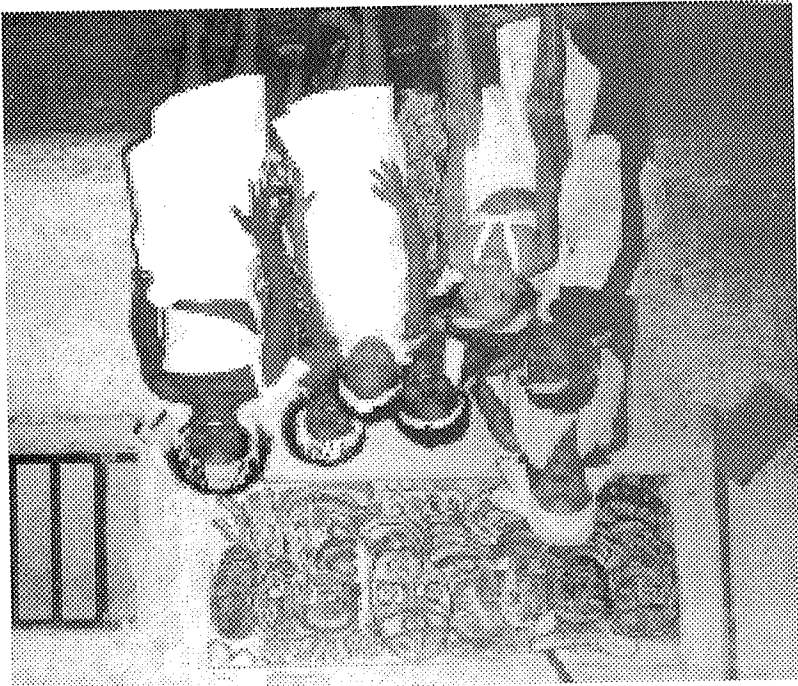
No Nordeste conhecemos Também no Rio Grande do

Normando Batista Santos é graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA e em Pedagogia pela Faculdade de Educação da UFBA e é Pós-Graduado em Planejamento Educacional pela Coordenação Geral do CECUP - Centro de Educação e Cultura Popular/BA e também membro do Conselho da ABONG - Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais. É ainda Conselheiro do Grupo Cultural Oloдум, GCAP - Grupo de Capoeira Angola Pelourinho e do GABA - Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS.

Os Povos Indígenas da Bahia e Vamos Recontar a História do Índio no Brasil. Todos esses trabalhos têm como ponto em comum o resgate da história, da cultura e da religiosidade, tanto indígena quanto negra. Em relação ao negro há uma busca de reconstrução da identidade racial, cultural e religiosa, construção de uma auto-estima positiva, o ter assumir da negritude, o ter orgulho de ser negro.

é a desenvolvida na Escola Obá Biyi, situada e vinculada ao Terreiro Axé do Opô Afonjá, que trabalha a partir das lendas e contos do candomblé. De existência mais recente, há o projeto Educacional do ILE AIYÉ que se desenvolve na Escola Mãe Hilda, vinculada ao bloco afro Ilê Ayê, e nas escolas públicas da Liberdade e do Curuzu, bairros onde está localizada o Ilê. Em relação à educação indígena, conhecemos um trabalho realizado em conjunto pela AEC - Associação de Educação Católica - Secção do Mato Grosso do Sul e os Índios Terenas. Na Bahia, a ANAI/BA - Associação Nacional de Apoio ao Índio, tem realizado um trabalho junto às escolas Municipais. A ANAI - BA inclusive já elaborou como subsídios duas publicações:

bastante os trabalhos que estão sendo realizados em Pernambuco e na Bahia. Em Pernambuco destacamos o projeto educacional das Escolas públicas Comunitárias e em especial o trabalho da Daruê Malungo, que desenvolve uma ação educativa a partir da cultura negra, da capoeira, do maculelê, etc. Na Bahia, especialmente em Salvador, também há o trabalho das Escolas Públicas Comunitárias que têm na questão racial, especialmente, negra, o tema predominante. Em algumas escolas a dança afro e a capoeira já são integrantes do currículo. O resgate da história, da cultura e da religiosidade afro-brasileira são preocupações centrais. Além das Escolas Públicas Comunitárias, há o trabalho da Escola Criativa Oloдум, fundamentado na Pedagogia Interétnica. Outra proposta interessante



Vilma Carilós

Daruê Malungo (PE): Ação educativa a partir da cultura negra

Africanidades brasileiras e pedagogias interétnicas

Henrique Cunha Junior

possíveis e das possibilidades sociais alcançáveis, resultados de uma tradição escravista - racista, diretora de processos econômicos e políticos de dominação.

As diversas propostas de pedagogia interétnica, são parcelas de precupação com as consequências das ditaduras de poder nos meios de processamento, transmissão e reprodução da cultura. Entendendo cultura como resultado do processo histórico, de produção material e intelectual. As pedagogias interétnicas, projetos com conteúdos diversos, diferentes entre si, são no seu conjunto propostas de um patamar de cidadania e democracia na interrelação entre as diversas etnias presentes no Brasil. Portanto, as propostas de pedagogias

Quando Roger Bastides define o Brasil como país dos contrastes, ele chama a atenção para o que tem de mais problemático, na compreensão das realidades brasileiras, o fenômeno do diverso, do multifacetado, dos caleidoscópios presentes nos universos nacionais (1). Diverso entre as regiões, diverso dentro das regiões, referido a populações, culturas, etnias, classes sociais, na posse de bens materiais e simbólicos, nas formas e possibilidades de expressão. Esta multiplicidade de aspectos é resumida numa unidade monolítica, dogmática e dominante, denominada cultura oficial, instrutora e condicionadora das perspectivas educadoras

BRASIL

interétnicas estão contidas nas reivindicações dos grupos sociais, dos movimentos populares,

No que se refere as etnias afrodescendentes estas propostas pedagógicas interétnicas têm sofrido na sua elaboração das restrições impostas pela cultura oficial brasileira sobre as noções culturais afrodescendentes, ou seja, pela reinidência das interpretações eurocêntricas sobre a proposta libertária do múltiplo, do interétnico. O argumento central deste artigo é sobre a necessidade da introdução do conceito de Africanidade Brasileira na elaboração das propostas de pedagogia interétnica. A não elaboração em torno do conceito de Africanidade Brasileira leva a redundância da redução das manifestações afrodescendentes a ótica dos fenômenos europeus. Se

processar uma possível visão, de um centro hegemônico europeu, não representativo nem mesmo da diversidade europeia, sobre as diversas culturas de descendência africanas. Abstraindo deste, a visão eurocêntrica, ainda os processos maiores definidores da história brasileira que são o escravismo e o racismo

As limitações do horizonte presente

Geralmente as visões correntes no Brasil, produtos dos sistemas educacionais e de pesquisa, universitários ou não, sobre a historiografia, geografia, sociologia, filosofia, cultura, medicina, matemática, africana são minúsculas, capengas, desarticuladas, profundamente desinformadas, quando não racistas. Esta lacuna apreciável torna-se um obstáculo problemático para as concepções de uma pedagogia intercêntrica. De que África se fala? Sob quais perspectivas? A Europa? De quais culturas afrodescendentes seria possível falar se as definições de África são tortas? As mesmas questões são pertinentes para as questões de gênero, das etnias não africanas e para o regionalismo e localismos. O meu bairro é diferente do seu porque aqui tem um terreiro e ali não. Sendo que ali, tem um parque e, aqui, não. Que o comércio aqui não tem nenhum negro proprietário e, ali, todos os negros são proprietários e, nenhum se reconhece enquanto tal. As anunciação das diferentes culturas nos sistemas de

formação do Brasil são tremendamente desiguais; enquanto um educador estuda diferentes aspectos da formação europeia, não estuda nenhum da formação africana, produzindo um desbalançamento de percepção, uma distorção ótica que embota os raciocínios. Outra limitação decorre do enfoque de base zero no início de colonização europeia no Brasil. E como se o negro nascesse no navio denominado negroiro, fruto de um natural, (a palavra natural é fundamental), acidente histórico denominado Escravidão Negra. (4). A idéia de base zero civilizatória associa-se perversamente à naturalidade

eliminação dos enfoques possíveis as idéias correntes de que os escravizados não pensavam. E subliminar a idéia de que o branco escravizador elabora e o escravizado apenas reage aos impulsos do primeiro. Dentro do enfoque presente, o escravizado não elabora processos culturais, políticos, não reelabora a herança africana nas dimensões possíveis. Estas idéias resultam em concepções raquíticas e medíocres do papel cultural histórico dos afrodescendentes. Ficam as descrições piegas dos acervos culturais exemplificados pela galinha de cabidela, pela folia do resado e os ritmos musicais, sem esquecer meia dúzia de palavras do

"As anunciações das diferentes culturas nos sistemas de formação do Brasil não estuda nenhum de formação africana..."

do escravismo. Escravismo é visto apenas como um "modo de produção" e não como um processo de acomodação criminoso. O negro, como escravo natural, retira as possibilidades de questionamento e raciocínio sobre o processo, torna desigual as possibilidades dos atores em presença. A luta da implantação do processo de trabalho e de acumulação não se dá entre escravizados e escravizadores mas, sim, entre senhor e escravo, entre o supremo e o ínfimo, entre um e outro e no contexto das lutas sociais. Colabora significativamente na

dicionário mas, nunca, jamais penetrando pelo legado afrodescendente do pensamento brasileiro. Percorrem o maquiavelismo de contribuição africana à cultura brasileira, reproduzem a idéia de um núcleo europeu onde se colam adereços africanos, indígenas e asiáticos. Retira-se o conceito de participação africana, indissociável, limitada, indissociável da formação histórica e cultural dos últimos quase quinhentos anos do que se convencionou, sem consulta aos povos indígenas, chamar

oficialmente de Brasil. As limitações dos horizontes são bem amplas, tocamos aqui em apenas alguns exemplos mais gritantes, desta forma passamos a outros aspectos.

O Vocabulário politicamente correto

As palavras simbolizam idéias, estas lideram os pensamentos, constroem conceitos e universos que

possibilitam os raciocínios. Desta maneira a fuga de um pensamento racista, de uma pedagogia unilateral para uma multilateral, proporcionadora da apreciação e da manifestação do diverso, necessita de um novo vocabulário ou do

redirecionamento e da correção da terminologia em uso. Trabalho este imperativo para estabelecer uma pedagogia interétnica, o da aquisição de um vocabulário politicamente correto.

"Denegrir", é um termo orientado pelo vocabulário racista, assim como a "fome negra". No entanto, temos a dificuldade nos discursos diários de identificar os efeitos concretos que tais usos implicam. O uso leva a associações racistas do negro com o ruim, produz a inferiorização subconsciente nossa, potencializa a percepção ruim sobre todos nós.

"O negro foi escravo". Frase aparentemente simples, corriqueira, inocente encontrada mesmo nos mais eloquentes discursos dos

movimentos negros. Frase politicamente incorreta, mentirosa. Dada a genialidade, implica que todo e qualquer negro foi escravo, diz ainda que a condição "natural" passada é ter sido negro, independente da época e lugar. Frase que na forma e nos textos como é tida, por exemplo, na sala de aula traduz no inconsciente que

"Interpreta-se erroneamente que as culturas africanas não produziram suas próprias escritas..."

apenas o negro foi escravo. A correção política necessita gritar o "negro não foi escravo". Num determinado período, uma parcela de negros foi escravizada, é o

correto. Precisa eliminar o conteúdo de naturalidade do escravismo e eternalização do passado

contidas na proposição o "negro foi escravo".

Semelhante à sentença de morte anterior figura "África - Terra dos Escravos". São

centenas de construções que inibem, dificultam e mesmo

inviabilizam raciocínios progressistas sobre as origens africanas e as possibilidades

civilizatórias dos afrodescendentes. Sem uma revisão profunda e sem uma política austera de ações

politicamente corretas, as pedagogias interétnicas são inviáveis, inócuas, sem o

poder transformador pretendido.

A Fantasia da Oralidade

Não se trata aqui de negarmos a importância e

influência da oralidade nas culturas africanas e afrodescendentes, pelo contrário, pretende-se evidenciá-la e libertá-la das microscopias a que têm sido reduzidas. Fala-se muito, sobretudo nos movimentos negros, que nós somos um povo oral. Interpretando esta expressão como se oralidade fosse o único processo de transmissão das culturas africanas. Isola-se a oralidade de outras formas simbólicas, dos registros da dança, do ritmo, das artes e das escritas. Interpreta-se erroneamente que as culturas africanas não produziram suas próprias escritas, desconhecem ou fazem

desenvolvidos no interior do continente africano e os escritos transportados para o interior deste. Colocam a oralidade como anttese da escrita, o que não acontece nas culturas africanas

anteriores às migrações forçadas através do atlântico ou do colonialismo europeu. Pior, tomam oralidade de forma desregrada das metodologias apropriadas, das interações desta com a produção de conhecimentos

filosóficos, matemáticos, cênicos, informáticos e linguísticos africanos. Resume a oralidade africana ao espaço limitado do falar e da memorização de fatos.

Tratam o universo fantástico da oralidade no plano da fantasia reducionista do povo, oral, por vezes similar ao

estereótipo do "negro falante".

Colonian Brazil - Boston - E.U.A. - 1992
 (11) CUNHA, Jr., H. - Conferência: African Technology: The History Formation in
 (10) ASANTE, M. Afrocentrismo. Africa World Press - 1990.
 GOHLA - 1995.
 (9) CUNHA, Jr., H. - Artigo sobre Identidade Negra e Educação - Revista da UFPB -
 (8) ANSELI.
 dos estece tipos étnicos. Mestrado em Ciências Sociais. 1995 - UFPB.
 (7) FONSECA, Ivoildes da Silva - Tese: De Negros a Morenos: invertendo o intinário
 de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. 1985.
 (6) SILVA, Luiz Alberto. A Pedagogia do Silêncio. Dissertação de mestrado - Faculdade
 Universidade Federal Fluminense.
 (5) FERREIRA, Maria Zita. Dissertação de mestrado - Faculdade de Educação -
 Educação - 1992.
 de Africanidades Brasileiras - Universidade Federal de São Carlos - SP. Departamento de
 (4) CUNHA Jr., H. - Não mais base zero para a história do negro brasileiro. Notas do curso
 (3) GADOTTI, M. Pedagogia Intercultural. Mimeo. São Paulo - 1991.
 relações raciais. ABRÉVIDA - São Paulo - 1991.
 (2) CUNHA Jr., H. África e Diáspora Africana. Mimeo. Curso sobre cidadania
 (1) BASTIDE, Roger. Brasil Terra dos Contrastes.

BIBLIOGRAFIA:



Henrique Cunha Júnior é professor
 Titular da Universidade Federal do
 Ceará. Membro da ABRÉVIDA -
 Associação Afro-Brasileira de
 Educação, Cultura e Preservação da
 Vida - SP. Pesquisador NEINB -
 Núcleo de Estudos e Pesquisas
 Interculturais sobre o Negro
 Brasileiro - USP - SP.

Conclusão

uniforme mas, com conteúdos aglutinantes. Partindo de uma base cultural africana, as africanidades brasileiras são as relaborações do legado africano nas dinâmicas do escravismo e racismo brasileiro. Um processo cultural resultante do confronto de classes e de diversas etnias em presença. As africanidades brasileiras são conceitualmente diferentes do afrocentrismo, sendo que este último elege o campo da exaltação africana para o seu desenvolvimento, sem permear a realização da vida concreto da realização da vida no continente americano, sobretudo quanto à utilização do legado africano (10), (11).

de possibilidades de pedagogias interculturais. moldam ambientes clássicos e etnocentrismos de exclusões, formadores de ideologias próprias que restringem as oportunidades da cidadania e da transmissão de conceitos de direito, cidadania, igualdade e características físicas definidora da etnia branca. Aqui afrodescendente denomina um conjunto amplo de diversas nomações dada ao negro, pretendendo eliminar assim as desgastantes e não conclusivas discussões em torno do conceito. A conceituação de etnia é tomada na direção apresentada por Anseli (8), e uma possível discussão sobre identidade étnica e apresentada em Cunha (9). Acreditamos ser possível a definição de uma etnia afrodescendente, não

As Africanidades Brasileiras

Trabalham a percepção do oral dentro de um conjunto de estagnação da cultura, como se não se desenvolvessem processos dinâmicos de incorporação de novas expressões e valores. Na concepção dada pelos movimentos negros sobre oralidade por vezes produz uma perversa associação das escritas com o eurocêntrico, com os processos de dominação e organização da informação europeia (6).

produz a necessidade de uma centena de denominações para negros e mestiços (7). A dificuldade imposta por esta cultura tem levado a mesma a denominação do negro pela negativa do branco, ou seja, como não branco. Devido ao etnocentrismo da cultura, somente o branco não necessita de definições, sendo entendido como se fosse uniforme e igualitário na tonalidade da cor da pele e características físicas definidora da etnia branca.

Conquistando a Cidadania

GBALA - Por ser a capital brasileira em que há maior contingente de negros, imagina-se que em Salvador a situação da população negra é melhor em relação a outros centros do país. Por exemplo, calcula-se que a nível nacional chegue a 4% o índice de negros na universidade. Na capital baiana, particularmente, essa realidade é diferente?

Silvio - Em Salvador, o percentual não difere muito do que acontece a nível nacional, ficando nessa margem de 4%. O mais agravante é que a grande maioria dos negros está concentrada nas escolas particulares, porque precisa trabalhar durante o dia e somente à noite pode frequentar as aulas.

GBALA - Foi a partir desta constatação que surgiu a Cooperativa?

Silvio - A Cooperativa surgiu em 31 de julho de 1992. É até perigoso a gente falar em movimento negro de resultado, mas, sem querer menosprezar a luta das entidades, naquele momento sentimos a necessidade de fazer alguma coisa. E identificamos que fazer a coisa certa seria colocar estudantes negros na universidade. Então, convidamos algumas professoras(as) formadas(as) em Química, Física, Inglês, Matemática ou Português, que aceitaram o desafio de tornar o curso uma realidade. Embora com alguns problemas, a experiência vem dando certo.

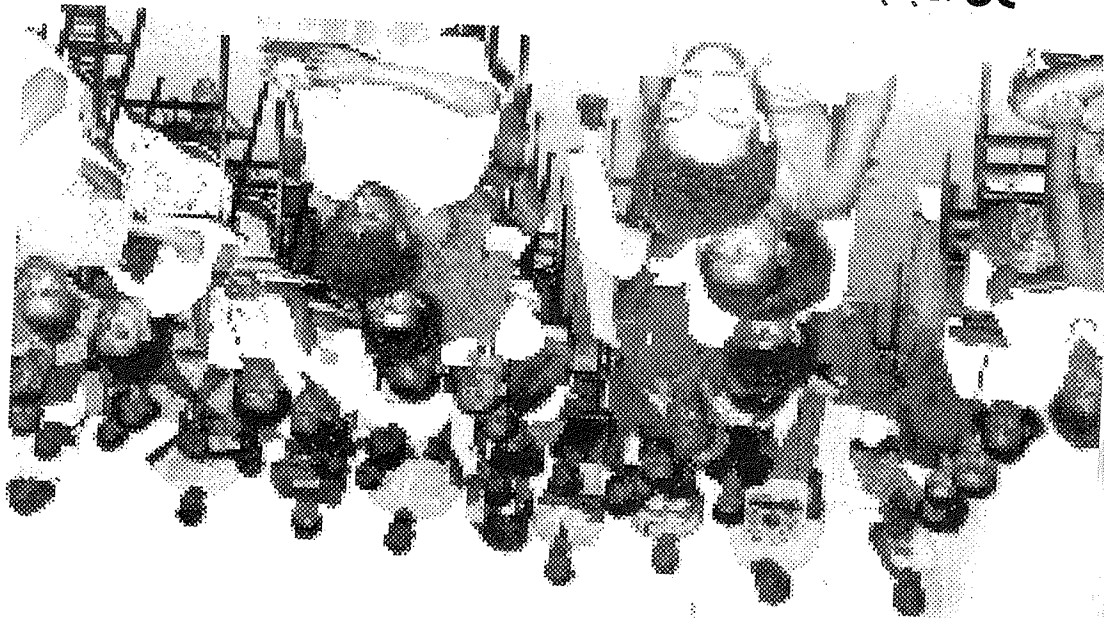
GBALA - E grande o índice de aprovação no vestibular entre os alunos que conseguem chegar

Arquivo: Cooperativa Steve Biko

Imagine uma sala de aula de um pré-vestibular, no Brasil, cujos alunos e orientadores sejam todos negros. Pois é, o que era apenas um ideal de um grupo de estudantes e professores, hoje é uma realidade. Trata-se da Cooperativa Steve Biko, situada à rua Mesquita dos Barris, 77, em Salvador - berço da cultura negra no Brasil. A experiência já extrapou as fronteiras da Bahia de todos os orixás, servindo de referência para a criação de um curso similar desenvolvido pelo Núcleo de Consciência Negra da USP.

Nesta entrevista à Elis Machado da revista GBALA, integrantes do Conselho Executivo da Steve Biko mostram os erros e os acertos da cooperativa, que não é um simples pré-vestibular, mas um projeto de cidadania da população afro-brasileira.

Com a palavra: Silvio Humberto Cunha, 33 (mestre em Economia e professor da UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana); Durvalina Cerqueira Santos, 38 (pedagoga e mestrande em Educação); Jadir Anuniação de Brito, 29 (advogado e mestrando pela PUC/Rio) e Geraldo Belmont dos Santos, 29 (engenheiro mecânico e professor da UEFS).



"O caminho está cheio de asperidades, mas não obstante fadigas e humilhações, eu ainda tenho um sonho".
Martin L. King

até o final do pré-vestibular. Mas, nota-se que a evasão durante ano é significativa. Quais as causas desse problema?

Durvalina - Algumas pessoas entendem que se trata de um pré-vestibular diferente, mas outras querem apenas um curso mais barato. Quando notam que a proposta não é apenas econômica, mas também política e ideológica, elas acabam não se adequando. Aham que permanecer num curso cujo objetivo não é apenas passar no vestibular, pode significar perda de tempo. Por isso, desistem da Cooperativa, optando por um curso tradicional ou pelo estudo individual.

GBALA - O que a Cooperativa vem fazendo no sentido de evitar a evasão dos estudantes?

Durvalina - Temos tentado ser o mais transparente possível no processo de seleção. Mostramos aos candidatos qual o objetivo da cooperativa, que não é simplesmente colocar pessoas indistintamente na universidade. E mais que isso: é preciso que sejam estudantes engajados no processo político, não político-partidário. Mas que tenham uma vivência política, afinal toda educação é um processo político. Esse é um aspecto. Estamos também orientando os professores que falem para os alunos sobre a importância da Cooperativa trabalhar a questão racial.

Silvio - Outra causa da evasão é a falta de preparo dos estudantes com a rotina do pré-vestibular, que depende de muita dedicação. Muitos estudantes chegam aqui com o ritmo de escola pública, esperando que o professor coloque tudo na cabeça deles. Dizem que estão cansados, não têm tempo de estudar, ou seja,

Arquivo: Cooperativa Steve Biko



Ana Célia (centro) discursa durante aula inaugural da Cooperativa

são muitos argumentos que pesam negativamente na aprovação. Outro fator que influencia é a rotatividade dos professores. Como são voluntários, quando aparece uma oportunidade de emprego que não podem conciliar, eles terminam deixando a Cooperativa.

GBALA - Este ano houve mudanças no processo de seleção. Quais foram?

Silvio - Para evitar a evasão, estamos fazendo um curso de nivelamento, oferecendo as disciplinas Português, Redação e Matemática. Depois faremos duas provas, para selecionar os melhores. Essa avaliação não envolverá apenas as questões objetivas das provas, mas também o interesse do aluno na sala de aula.

GBALA - Quantos alunos serão selecionados este ano?

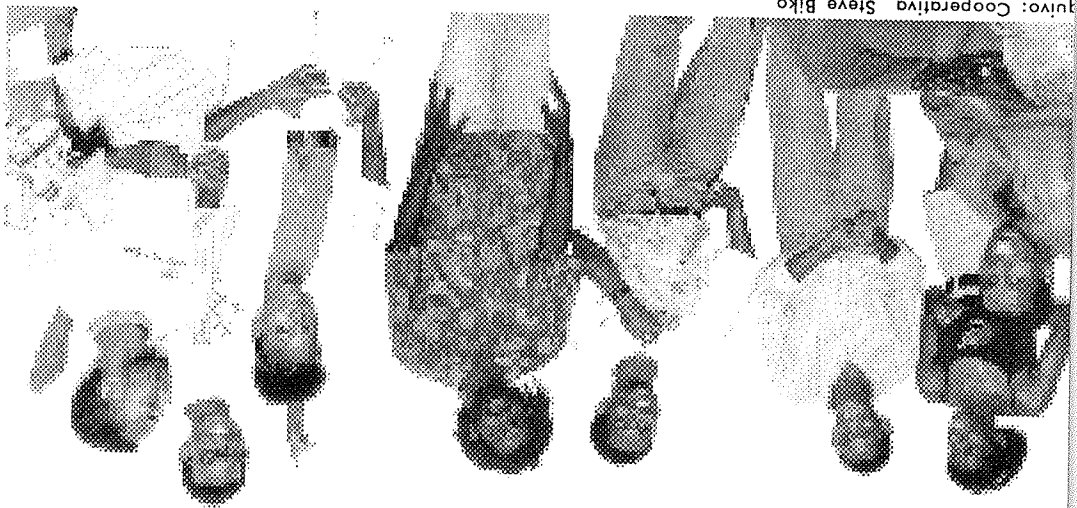
Silvio - Serão 130 candidatos, 30 a mais do que no ano passado. Houve também crescimento em relação ao número de inscritos. Em 1995, foram 178 pessoas, enquanto este ano foram 220.

GBALA - Qual a diferença entre o pré-vestibular da Steve Biko e os outros cursos?

GBALA - No Brasil, o conceito de raça ainda é um assunto muito polêmico. Quais são os critérios que a Cooperativa utiliza para selecionar só alguns negros?

Jadir - Essa polêmica também existe na Cooperativa, já que o seu objetivo é facilitar o acesso de estudantes negros à universidade. Hoje, estamos tentando reclamar a denominação de negros, por entendermos que ela é muito carregada do elemento epidérmico. Negro esta relacionado com quem tem pele mais escura. Então, estamos incorporando do movimento negro americano (EVA) - o próprio Abdias do Nascimento resgatou isso no Brasil - que é o conceito do

Da esquerda para o direito, em pé: Ana Paula (Pedagogia); Natlton Cazumbá (Contabilidade); Osmário Pereira (Engenharia Sanitária); Lázaro Passos (Engenharia Elétrica); Dilma (Letras); Nelson (Bibliotecário) e Rubens (Ciências Sociais) - sete dos cotize aprovados no Vestibular/93



Ativo: Cooperativa Steve Biko

professores que identificam o projeto como necessário para a formação dos estudantes negros. Deixamos evidente que não é uma rejeição de emprego, mas de cooperação. **GBALA - A Cooperativa Steve Biko faz o acompanhamento dos ex-alunos que ingressaram na universidade, para saber se continuam comprometidos com a questão racial?**

Jadir - A idéia inicial era essa. Na primeira fase, a Biko auxiliaria os estudantes negros a passar no vestibular, enquanto a segunda consistia em estabelecer um nexa entre o projeto e aqueles que ingressaram na universidade. Para que? Primeiro, para que os estudantes pudessem desenvolver pesquisas e ter informações de como funciona a universidade, com vistas a ocupar espaços na instituição. E essas pesquisas favorecessem à comunidade. Segundo, para que os alunos voltassem para a cooperativa a fim de participar do projeto, desde a monitoria à estrutura burocrática. Isso praticamente não acontece, porque hoje estamos sucocados em administrar a casa, que é uma experiência de auto-gestão muito importante, além da preocupação em adquirir um nível pedagógico muito bom para que os estudantes passem no vestibular. Essas duas tarefas, conjugadas com a interação política, que acontece durante o ano inteiro através da matéria "Cidadania e Consciência Negra (CCN)", consomem o nosso tempo. Assim, não estamos podendo ter contatos mais firmes com estudantes que passam no vestibular. Este ano, foram realizadas duas reuniões, mas não foi estabelecido nada mais sistemático.

GBALA - Como a matéria CCN é inserida no pré-vestibular?

Jadir - A idéia é que ela seja encarada como uma disciplina tão fundamental como as do vestibular. Com quatro horas semanais, a CCN engloba desde oficinas para descobrir de corpo e da identidade arte palestras sobre temas políticos. Através dessa disciplina, os alunos também entram em contato com profissionais de diversas áreas, que são convidados para apresentar as suas experiências.

GBALA - Qual o efeito das oficinas para os

africano. Temos um discurso elaborado internamente que o critério inicial é selecionar os afro-brasileiros. Na sociedade, os afro-brasileiros que têm um fenótipo mais próximo do africano são os mais discriminados. Esse é um critério subjetivo, mas que aparece numa dimensão objetiva para nós, portanto, os afro-brasileiros podem ter privilégios na seleção da cooperativa. Isso não significa que não sejam selecionadas pessoas que tenham traços mais próximos dos brancos.

GBALA - E considerado também o critério de

Jadir - Nós nem precisamos utilizar o critério de classe, porque quase 100% dos candidatos são filhos de operários ou trabalhadores desempregados. Esse critério é desprezado, a não ser quando aparece pessoas da classe média, o que é raro. Mesmo sendo negra, se pode pagar um curso particular, a pessoa será excluída da cooperativa, já que estamos trabalhando com os mais excluídos - aqueles que não irão conseguir emprego pela sua epidermic, pelos seus traços. Para evitar problemas, estabelecemos que são aceitos os estudantes cuja renda familiar seja de até três salários mínimos.

GBALA - Qual o material didático utilizado pela Cooperativa?

Durvalina - Nós trabalhamos com módulos de outros cursos, que são fornecidos para a gente a preço de custo. Além disso, os professores acrescentam o material com apostilas e exercícios.

GBALA - Os alunos pagam alguma taxa para

Durvalina - Em 94, os alunos pagaram o módulo separadamente, mas nem todos pagavam. No ano passado, resolvemos incluir o preço do módulo junto da colaboração mensal feitas pelos alunos.

GBALA - Uma das maiores dificuldades para a implantação de projetos que visam a inclusão do estudo do negro nos currículos das escolas públicas é a falta de preparação dos professores. Como a Steve Biko superou este problema?

Durvalina - Na verdade, a gente tem buscado

Para maiores informações, procure a SACL no fone: (079) 222 8202

DENUNCIE E GARANTA SEUS DIREITOS!

Na defesa da criança e do adolescente
 a violência racial
 discriminação e
 Contra a
 violência sexual e doméstica

Uma voz a favor das populações marginalizadas

PROJETO NEGRO E CIDADÃO



princípios da Cooperativa. **GBALA - Como fonte de geração de renda, vocês pretendem colocar em funcionamento uma cantina. Já existe alguma experiência neste sentido na Cooperativa?** Geraldo - Nós tivemos uma experiência no ano passado, dando a concessão de uso para um empreendedor, cujo contrato finalizou no final do ano. Nós estamos discutindo agora, se arrendamos ou administramos a cantina.

GBALA - Qual o principal desafio da Steve Biko este ano? Jadir - Pretendemos avançar naquilo em que a Cooperativa é em essência, que é um projeto de auto-gestão. Nós não recebemos recursos do exterior nem do Estado, por ser uma opção nossa por determinado período. Hoje, até admitimos receber a contribuição de algumas entidades, desde que não tenham objetivos díditos, como financiar o movimento negro, ao mesmo tempo em que colaboram com projetos afro-brasileira. No momento, estamos querendo transformar este espaço (a sede da Biko) em uma experiência de

cooperativa, mas descobrimos que legalmente iríamos ter problemas burocráticos, já que deveríamos estar ligados ao Conselho Nacional de Cooperativas, o que restringiria a nossa liberdade. De outra parte, não queríamos que a Cooperativa fosse mais uma entidade do movimento negro, tanto é que a nossa representação externa só aconteceu em fóruns educacionais. Isto porque a composição das pessoas da cooperativa envolvia vários segmentos do movimento negro. Embora ainda seja chamada de cooperativa, avançamos para a proposta de formação de um instituto, o Instituto Cultural Beneficente Steve Biko, que tem como uma das finalidades o projeto educacional. Então, esta em processo a legalização de uma pessoa jurídica que é o instituto. **GBALA - A regulamentação da Cooperativa poderia trazer alguns problemas, mas ao mesmo tempo abria um legado de opções de financiamentos...** Sílvio - Inicialmente, teve uma discussão na Cooperativa se legalizava ou não. Isso atrasou o processo, mas hoje está havendo um consenso para registrá-la como uma entidade sem fins lucrativos. A partir daí iremos buscar financiamentos onde for possível, desde que esteja de acordo com os

alunos? Durvalina - No ano passado, uma aluna testemunhou para a gente que havia tocado fogo no cabelo. Isso mostra até que ponto chegava a rejeição dela a sua condição de negra. Essa pessoa continua com a gente e dá para perceber a mudança em lidar com o próprio corpo e de se valorizar enquanto ser humano. Antes trabalhava como empregada doméstica e hoje surgem novas perspectivas de vida. Assim como esse, acontecem outros casos. É visível a transformação das pessoas na forma de se tratar e também de tratar os outros. **GBALA - Um dos problemas cruciais da Cooperativa é a questão financeira, mesmo assim a Steve Biko em breve completará quatro anos de fundação. Qual a receita para que o projeto se mantenha vivo?** Sílvio - Aqui, aprendemos fazendo. Existem pessoas da comunidade negro, chamadas movimentos negro, que colaboram com valores entre R\$ 25,00 a R\$ 40,00, por mês. Para arrecadar recursos, apelamos para tudo: festas, rifas, camisas etc. Agora, estamos fazendo um adesivo, para divulgar a Cooperativa e conseguir contribuições. **GBALA - Quem deseja ser sócio da BIKO o que deve fazer?** Sílvio - É só entrar em contato com a gente através do telefone (071) 322-2045 de segunda à sexta-feira das 8 às 18hs e, aos sábados, das 8 às 12 hs. **GBALA - Qual a real situação financeira da Steve Biko?** Sílvio - O principal problema que enfrentamos hoje é o aluguel da casa, que custa R\$ 1 mil, além do salário dos professores que esta quatro meses atrasado. O que tem mantido os profissionais e o compromisso com a causa, mas também há limites. Por isso consideramos que este é o ano x para que a Cooperativa dê certo financeiramente. **regulamentada?** Jadir - A Steve Biko já esta iniciamos com a ideia de uma

“Steve Biko
O regime do apartheid ceifou
vidas e tentou ingerir a
inconsciência
de um povo que diz justiça,
sabendo que é preciso plantar
a semente da emancipação.
Você dissera: nós somos
auto-suficientes para nos libertar,
pois o sentido maior da
vida é a luta”
Gilsam



Fonte: Biko - Donald Woods

“A consciência negra é, em
essência, a percepção pelo homem
negro da necessidade de juntar
forças com seus irmãos, em torno
da causa de sua atenção - a
negritude de sua pele - e de agir
como um grupo, a fim de se
libertarem das correntes que o
prendem em sua servidão.”
Steve Biko

Esforço recompensado

Rubens Conceição, 30, cursa atualmente o 7º semestre de Ciências Sociais na UFBA. Ele ingressou na universidade em 1993, após cursar o primeiro período vestibular da Steve Biko. Para ele, a Cooperativa foi uma grande oportunidade em sua vida. “Hoje sou um universitário”, diz, com orgulho.
Aos 17 anos, Rubens concluiu o 2º grau mas, não teve condições de pagar um curso para prosseguir os estudos. Ingressar na cooperativa foi a chance para chegar à universidade. Consciente, o universitário que trabalha na administração da Biko, diz que os ex-alunos devem contribuir com a Cooperativa, a fim de dar continuidade ao trabalho.

produção de serviços, como a Matemática e Inglês), entre outras atividades. Então, a finalidade é ter essa experiência de gerenciamento, que no movimento negro é muito ruim. Não conhecemos nenhuma administração dentro do movimento negro que tenha dado certo utilizando recursos próprios. Ou fica de “cua na mão” na dependência das agências internacionais ou do Estado. É preciso gerar grana para circular na nossa comunidade, como acontece nos EUA.

GBAIA - Qual a estrutura administrativa da cooperativa?
Gerardo - A Cooperativa é gerenciada por três conselhos. O gestor (executivo), que é composto por oito coordenações - política, administrativa, financeira, pedagógica, para circular na nossa comunidade, como acontece nos EUA.

GBAIA - Qual a estrutura administrativa da cooperativa?
gestão financeira da cooperativa.

GBAIA - Quando são realizadas as reuniões dos conselhos?
Gerardo - O conselho geral tem uma reunião a cada seis meses, enquanto o conselho executivo se reúne semanalmente, com o composto pelos sócios - contribuintes, que acompanha a gestão financeira da cooperativa.

social. Cada uma com as suas funções, mas atuando de forma conjunta, no sentido de gerenciar o curso e as relações externas. O conselho geral, formado por membros do conselho executivo, professores e sócios - contribuintes, funciona de forma deliberativa, no sentido de planejar e decidir as questões mais importantes ligadas à cooperativa. Além deles, tem o conselho fiscal, composto pelos sócios - contribuintes, que acompanha a gestão financeira da cooperativa.

GBAIA - Qual a estrutura administrativa da cooperativa?
Gerardo - A Cooperativa é gerenciada por três conselhos. O gestor (executivo), que é composto por oito coordenações - política, administrativa, financeira, pedagógica, para circular na nossa comunidade, como acontece nos EUA.

GBAIA - Qual a estrutura administrativa da cooperativa?
gestão financeira da cooperativa.

GBAIA - Quando são realizadas as reuniões dos conselhos?
Gerardo - O conselho geral tem uma reunião a cada seis meses, enquanto o conselho executivo se reúne semanalmente, com o composto pelos sócios - contribuintes, que acompanha a gestão financeira da cooperativa.

objetivo de definir ações do dia a dia.

GBAIA - Steve Biko, líder negro estudantil, foi assassinado pelo regime do apartheid na África do Sul. Qual a contribuição da luta dele para a Cooperativa?
Silvio - A certeza de que vamos vencer, apesar das dificuldades e dos embates. Já tiveram momentos, confesso, que deu vontade de desistir. No final de 94, se tirassem uma fotografia nossa, comparando com hoje, com certeza pareceria que eram outras pessoas, diante da tristeza que estávamos. Quando imaginávamos que estuemos num buraco, ressurgimos numa casa ampla com boas perspectivas de que as coisas dariam certo. Não só Steve Biko, como Zumbi dos Palmares e Malcom X são exemplo que nos dão ânimo para prosseguir a luta.

ampliar o novo, reproduzem falas e falhas já conhecidas. Assim sendo, não é por acaso que centrados em referências não tão consolidadas de experiências anteriores, nos lançamos a expressões que, se para os negros se traduzem cobertas de significados, sua divulgação não se reproduz da forma desejada. A exemplo disto, quando falamos de sociedade e escola "plural", "intercultural", "multicultural", resvalamos em situações que nos fazem isolados. Uma porque ainda não divulgamos com precisão qual o referencial teórico do Movimento Negro para a pluralidade e multiculturalidade - e nos parece que este referencial já possui alguma forma - segundo, porque não temos quadros para se entronhar na tradução e divulgação mais ampla e completa do significado destes referenciais, fazendo com que "multirracialidade", "eticidade" sejam muito mais do que palavras de ordem.

Desta forma, a ausência da sistematização e disseminação do referencial teórico negro existente em inúmeras situações, promove a colagem de outros referenciais não negros, porém "revolucionários" e, por isso mesmo condizentes com o lado pensamos. E, se por um lado possuímos um discurso

que traduz o que pensamos e desejamos, por outro, não o elaboramos de forma sistemática norteando nossas ações. Resultante desta deficiência, um dos problemas têm sido que, os conceitos acima relacionados têm sofrido por parte do Movimento Negro e aqueles interessados em aliar-se a um projeto de escola anti-racista, um simplismo na construção conceitual, como se não fôssemos capazes de "Ensinar para crianças e adolescentes que a humanidade começou na África é obrigação de quem tem a função de ensinar sobre as civilizações..."

construí-lo completo, à luz de nossa negritude. Assim, Pedagogia Multirracial ou Intercultural, reproduz, neste contexto, referências confusas, não decodificadas e, populariza-se na compreensão da "democracia racial" revisitada. Consequência, em parte de responsabilidade do próprio Movimento Negro que propõe ações na escola, reconstruindo práticas, porém as lacunas existentes têm nos colocado inúmeras vezes num esforço incompleto, visto que, nem sempre, os espaços de reflexão negros, têm se incumbido em divulgar os modelos que norteiam o projeto de educação das entidades negras.

Assim, com o NEEN, em Santa Catarina, nos inclinamos em analisar a associação da proposta em uma escola multirracial com o

discurso da democracia racial fundamentado, sobretudo, no retorno dos educadores que quando não resistem à proposta, acreditam dever assimilá-la porque "Deus nos fez todos iguais" ou porque "este é um país de mestiços, onde todas as raças no fundo se cruzam". Quando a igualdade e não a desigualdade é o ponto de partida na atenção do educador, temos percebido que, na maioria das vezes, as causas do racismo e do preconceito não "necessitam" serem analisadas, devendo-se partir imediatamente para a prática, sobretudo a partir das expressões culturais, síntese e, da contribuição social do negro na sociedade brasileira. As ações dos educadores então buscam garantir a visibilidade do negro na escola, em cartazes, nas datas comemorativas, com pouca alteração na proposta curricular.

No geral, percebemos, nas intervenções junto aos professores, carência de sua formação, abrangendo o não domínio do discurso da democracia racial mas, são frutos de suas políticas. Demarcar os pressupostos de nosso referencial é de fundamental importância. Afinal, a denúncia que lançamos sobre o discurso da democracia racial é a de que consolida a inércia da

professor e reformulação de sua prática e concepção sobre esta questão. Ainda assim, temos priorizado algumas ações que culminarão com a avaliação do processo e um indicativo teórico a partir de nossas práticas no Estado e no Sul. Em 1995 realizamos em Florianópolis, a 1ª reunião de trabalho na temática Negro e Educação, quando reunimos todas as experiências - realizadas via redes de educação, movimento sindical, universidades - para socializar os resultados e planejar interrelações mais coordenadas. É a ausência de um referencial de domínio do Movimento Negro nesta temática foi flagrantemente falas dos militantes negros se resumem em discursos que quando popularizados perdem sua essência e transformam-se.

Ações do NEN

1ª Alteração Curricular -

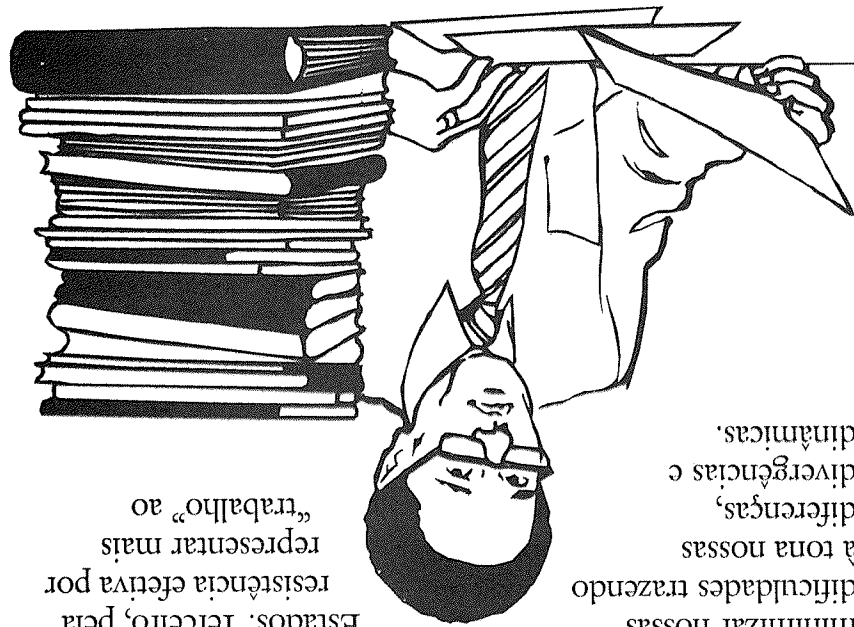
Reivindicação histórica das organizações negras, a alteração curricular significa trazer para a escola, o conteúdo cultural, político, antropológico, sociológico e histórico de um segmento excluído. Assim sendo, o NEN propõe colocar na ordem do dia dos debates sobre educação, esta ação de extrema importância para a população negra de Santa Catarina. A partir de 1993, nossas discussões tomaram corpo e, hoje, compreendemos que para se apropriar dos motivos que

É certo que o Movimento Negro não é monolítico e, que sejam respeitadas suas características múltiplas mas, quando nos propomos a lançar um documento aos poderes existentes - locais, estaduais, federal - acerca de nossas preocupações e projetos, indicamos ações fundamentadas em nossos discursos e não indicamos nossas diferenças, portanto, que referencial o outro deve tomar para aplicar nossas propostas?

Educação Afro em Santa Catarina

Em Florianópolis, estamos no processo de implantação da lei que institui a inclusão de conteúdos em disciplinas específicas. Reconstituir nossas referências num município de 4% de negros, não tem sido tarefa das mais fáceis.

Primeiro, pela singularidade cultural a ser considerada. Segundo, por assim ser, pelas limitações na busca de suporte de outras cidades e Estados. Terceiro, pela resistência efetiva por representar mais "trabalho" ao



aplicação de políticas que promovam mudanças. E, infelizmente, estamos fadados a reproduzir o velho com discursos ou expressões novas em plena sala de aula. Por outro lado, podemos verificar o empenho dos educadores em reconstruir práticas sobre outras referências, principalmente quanto à definição de novas propostas pedagógicas que se contrapõem à tradicional de forma generalizada. Aí, o referencial teórico é vital nesta trajetória, por exemplo, debate-se o construtivismo e outros sem números de referência da educação. Contudo, quando se discute a questão racial, os simplismos do processo são admitidos. Falhas do sistema de ensino? Mas, lá, a queima roupa, como definimos multiracialidade, interculturalidade e pluriculturalidade? Quais são os nossos conceitos? Acreditamos na emergência de um mergulho nestas questões e, sobretudo, em não minimizar nossas dificuldades trazendo à tona nossas diferenças, divergências e dinâmicas.

excluem negros e outros setores da escola, faz-se necessário aprofundar conhecimentos que associem o processo de construção da sociedade política do Brasil com a história da construção do currículo da escola brasileira, visto que, os excluídos do primeiro, são os excluídos do segundo. Visto dessa maneira, o currículo não é tão somente a organização dos conteúdos a serem ministrados pelo educador mas, sobretudo, a carta de intenções de quem o elabora e regula. Outro aspecto importante é o debate associando currículo e cidadania, por acreditarmos que os conteúdos resgataram a identidade dos negros, na medida em que os processos civilizatórios das sociedades africanas são explicitados, contrapondo-se a referência posta de que somos originários de estranques étnicos tribais. Costumamos dizer aos professores: "Desde que o homem é homem, é africano", tendo como subsídio pesquisas antropológicas referentes às descobertas realizadas sobre a origem do homem no continente africano. Os professores se surpreendem e, evidentemente, se esta informação constasse nos currículos escolares, que significados trariam à compreensão dos(as) negros(as) sobre o povo negro?

Ensinar para crianças e adolescentes que a

humanidade começou na África é obrigação de quem tem a função de ensinar sobre as civilizações. Mas, a perversidade do Estado e do sistema educacional de ensino mantêm no imaginário das crianças informações distorcidas e preconceituosas. A africanidade dos homens, resgatada, apresenta-se como uma contraposição radical à situação vigente, por situar os negros nos parâmetros de humanidade, desconhecida por alguns alunos e professores. Para consolidar esse processo, o Vereador Márcio de Souza, apresenta o Projeto de Lei - hoje lei nº 4446/94- que institui conteúdos afro-brasileiros, nas disciplinas de História, Geografia e Estudos Sociais, nas escolas da rede municipal de Florianópolis. O projeto aprovado corrobora para a luta dos negros em Florianópolis e sem dúvidas para o país, na medida em que se consolida num Estado como o de Santa Catarina, que tem a invisibilidade negra como marca oficial de sua representação.

2ª Formação do Educador. Concomitante a este processo, a formação do educador tem merecido especial atenção. Acreditamos que, se nós, o povo negro, necessitamos reaprender sobre nossa história, os educadores necessitam reaprender sobre aquilo que ensinam. E, assim sendo, temos nos dedicado em construir ou contribuir com parcerias para que os espaços

de formação sobre temática negro e educação se efetivem. Além de introduzir o referencial teórico do movimento negro, as ações voltadas para a formação do educador objetivam capacitar-lo para desenvolver suas atividades para além das datas especiais/comemorativas, enfatizando a relevância no tratamento destas no cotidiano na escola. Além de cursos, ciclos de estudos desenvolvidos pelo NEN, nos incorporamos às atividades promovidas pelas Universidades do Estado e Federal, da Secretaria Municipal de Educação e organizações dos movimentos populares.

3ª Material Didático. Suporte fundamental na atividade de formação do educador e deste para com o desenvolvimento de suas atividades, o material didático tem merecido do NEN grande atenção. Em consulta realizada através de pesquisa, a ausência de material didático foi apontado pelos educadores como um dos impedimentos para se tratar a questão racial na escola, assim sendo, há aproximadamente 12 meses estamos pesquisando e elaborando material didático adequado às demandas que a Lei nº 4446 possa provocar. Reconstruímos um jogo africano chamado Manala, criamos um quebra-cabeça do Continente Africano; reproduzimos a família e elementos da sociedade

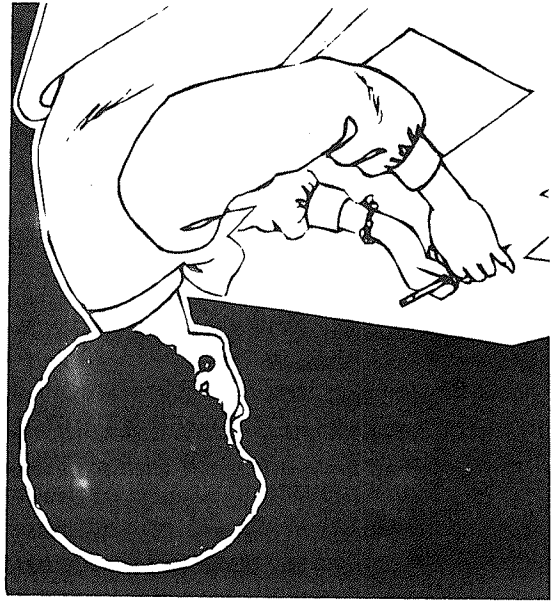
através de fantoches e boncos; lançamos uma série de fitas de vídeo - já com 3 números - que abordam temas relativos à Geografia Africana, História da África e Relações Raciais na Escola. Organizamos na sede do NEN uma biblioteca afro, com aproximadamente 250 títulos para consulta dos educadores e interessados; elaboramos um caderno "o que você pode ler" com indicações bibliográficas para professores e alunos. Enfim, preocupamos-nos apontar estes subsídios, visto que, o material didático deva merecer destaque quando pretendemos discutir propostas para a educação, principalmente quando se tratar da educação básica: pré e 1º grau, onde este recurso é amplamente utilizado. Outra preocupação é a de reformular o material ideológico do Movimento Negro em material didático, uma vez que compreendemos que nem todo o material ideológico tem esse objetivo no espaço escolar. Assim sendo, tal material, é readaptado ao cotidiano escolar, buscando sobremaneira manter suas características, quanto à concepção. Em algumas situações, os selecionamos e afinando-o com conteúdos, disciplinas ou propostas pedagógicas aplicadas.

4ª Produção Teórica - No início deste texto, indicamos nossas inquietações acerca da divulgação das referências teóricas do NEN e do

Movimento Negro. Neste sentido, sentimos a necessidade de abrir canais onde pudessem transitar o pensamento negro sobre educação, que é a temática deste programa. Uma das ações é o jornal "Educa-Ação" e o jornal "Educa-Ação Afro", com tiragem de 2000 exemplares e circulação prioritária para os professores da rede municipal de ensino, educadores dos movimentos populares, universidades e outros setores do ensino. A dinâmica tem sido a de convidar militantes negros com atuação na área para escrever sobre temas que se configuram no contato com os educadores como de necessário aprofundamento. Outra ação é um caderno a ser apresentado aos professores ao final deste ano, discutindo sobre o pensamento negro e educação e suas múltiplas vertentes. A ideia do jornal e caderno não é mais relatar sobre experiências mas, fundamentalmente, apontar os resultados destas experiências e, sobretudo, que constroem a partir delas. Esta experiência em Florianópolis tem apontado desafio ao Programa de Educação do NEN. Desafio este que desde já nos comprometere a socializar as etapas de nossas ações, questionar profundamente nossos resultados e

demarcar nossos avanços em movimentos em que estamos inseridos. Assessoramos a aplicação da Lei que garante a inclusão dos conteúdos afros e, nesta atividade, inúmeras vezes não encontramos respostas para alguns questionamentos que com certeza já estiveram na ordem do dia das preocupações de quem já desenvolveu experiências semelhantes a estas que executamos em Florianópolis. Por este motivo, consideramos de extrema importância a divulgação dos resultados e, sobretudo, do referencial teórico que norteiam as ações do Movimento Negro na educação, que visam consolidar nosso objetivo central que é o desafio de tornar a escola, um espaço multirracial e intercultural, do ponto de vista desejado.

Jervise Romão é Pedagoga e Assessora do Programa de Educação do NEN. Ivan Costa Lima é Arquiteto e Coordenador do Programa de Educação do NEN.



O que se fala quando se fala do negro no livro didático

José Ivan Barbosa Filho

▲ primeira coisa que temos a fazer sempre que abordamos a questão negra em nosso país é partir da firme constatação de discriminação racial como fenômeno generalizado na nossa

sociedade.

Se trilharmos outro

caminho, só tendermos a

reforçar a falsa ideia da

democracia racial brasileira,

que pretende colocar a

discriminação em nosso país

como fenômeno social e

nunca racial, o que na

realidade, cumpre um papel

muito mais sério que é o de

omitir o caráter duplamente

revolucionário que o negro

tem a desempenhar na nossa

sociedade, limitando dessa

forma a sua ação

transformadora, visto que o

aprisiona em paradoxos que

conduzem à negação da

realidade vivenciada por toda

a raça negra.

O resultado disso é a

prevalência da dominação

branca e a prisão dos negros

ao mundo forjado pela

escravidão.

Esse racismo imperante na

sociedade estende os seus

tentáculos por todas as

estruturas de poder,

tentando ostensivamente

eliminar a nossa

“negritude histórica”,

utilizando-se de pseudo-

teorias como a do

“Branqueamento” e de

tantos outros mecanismos

que têm a mesma

finalidade.

Quanta vontade de

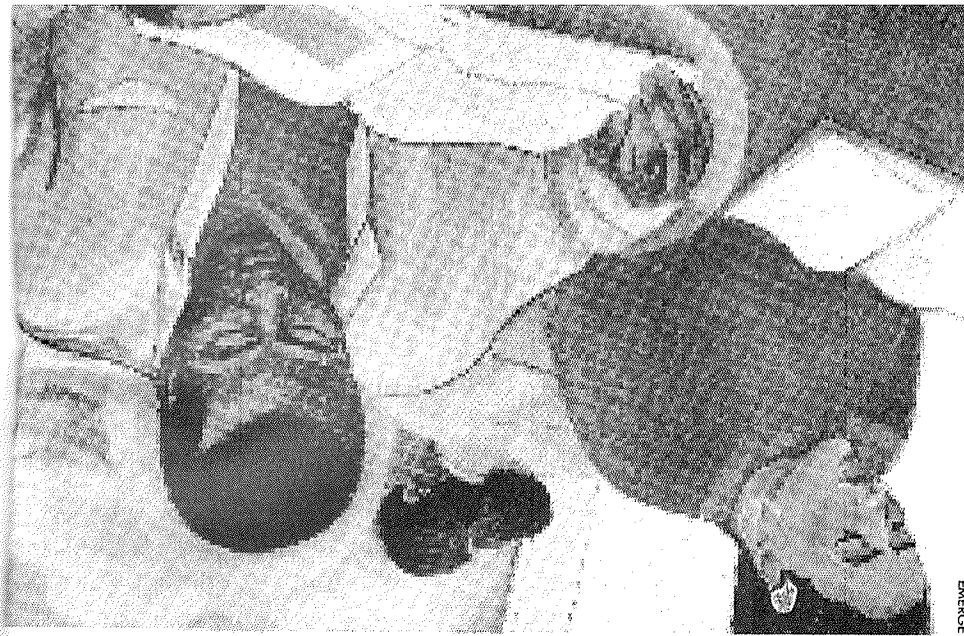
apagar a profunda “marca

negra” que integra a nossa

composição sócio-racial

não estava presente

30 GBAIA



EMERGE

quando um grande contingente de negros foi enviado à guerra do Paraguai? Ou ainda, quando o poder constituinte trata de destruir comunidades prevalentes negras e mestiças, como foi o caso de Canudos? que grupo racial é efetivamente eliminado quando os governos patrocinam esterilização em massa de mulheres, fecham os olhos para o extermínio de meninos que vivem nas ruas, negligenciam as políticas sociais, fazendo proliferar outra forma de extermínio que é a mortalidade infantil? Sem sombra de dúvidas essas são formas de robustecer a nossa hipocrisia social, que reluta em aceitar a sua prevalência racial negra, tentando sempre livrar-se dela como quem tenta livrar-se de

um estigma profundo. Já sabemos que a escola, por estar inserida na sociedade, reflite todos os problemas e contradições nela existentes. Assim ocorre também com o racismo, que tem na escola um forte aliado que desempenha o papel ideológico de reproduzir do livro didático, que é considerado o “depositário da verdade”, a “memória conservada das civilizações”. Nele podemos detectar várias formas e modalidades de discriminação racial. A forma mais comum é a omissão, pois impressiona como o negro e sua realidade estão ausentes dos conteúdos produzidos para os livros em um país onde a maioria da população é negra ou mestiça, como é o caso do Brasil. Analisando um pouco mais, vamos verificar que em alguns livros, no entanto, o negro tem referência. Contudo, a discriminação aqui não deixa de estar

Impressiona também a forma como os variados livros abordam sempre os mesmos aspectos da cultura negra, tornando-se enfadonha, folclorizada e homogeneizada, como que a atender a necessidade de caricaturar o seu conhecimento. Todos esses aspectos vão sendo robustecidos nos trabalhados nesses livros. Senão, vejamos: O papel coadjuvante do negro na maioria dos textos fica claro quando se aborda o tema da

"Outra forma sutil de reforçar a discriminação racial a partir de dados apresentados em livros didáticos é tratar o negro como minoria étnica, separando os mestiços das suas raízes raciais..."

cronológicos da historiografia conservadora. Se tomarmos a análise que os livros de história fazem do processo de povoamento do Brasil, vamos identificar também aí, uma negação da participação dos elementos negro e indígena na ocupação e construção do espaço nacional, omitindo-se, em nome da discriminação racial, que o que de fato ocorreu em nosso país foi um processo de despovoamento (do qual a raça indígena foi vítima) e repovoamento (onde o negro foi utilizado para servir aos interesses do branco europeu). Essa maneira ideologizada de abordar os temas históricos prossegue em outros momentos dos livros didáticos, como é o caso da visão a respeito da implantação da cafeicultura, que na maioria deles esta centrada em uma análise

presente, aparecendo agora sob a modalidade da distorção, onde o negro é tratado de forma pejorativa e equivocada; ou ainda sob a modalidade de sujeito fixado no passado, que não teria nenhuma ação no presente e, por conseguinte, nenhuma função a desempenhar na contemporaneidade, sobretudo a de libertar-se das amarras que ainda o prendem a uma situação de subumanidade. Outra forma sutil de reforçar a discriminação racial a partir de dados apresentados em livros didáticos é tratar o negro como minoria étnica, separando os mestiços das suas raízes raciais e tratando a questão de raça como uma mera questão de cor da pele. Obviamente que no cerne desta construção ideológica está o firme propósito de dividir a etnia, ocultando a sua presença majoritária nos estratos sociais mais baixos e justificando sua ausência nos níveis de poder político e econômico do país. É uma inteligente forma de vender os olhos de um amplo estrato social, potencialmente revolucionário. Nos livros didáticos de história, que deveriam ser os fiéis transmissores do processo civilizatório pelo qual passamos, o que vemos mais uma vez é o negro como coadjuvante e não como sujeito histórico. Todos os seus antecedentes afro-culturais são desconsiderados e o negro já aparece na nossa história como escravo, para magicamente, depois sumir do cenário histórico, reforçando-se aquela idéia do negro como elemento apenas do tempo pretérito.

Instituição e manutenção da escravidão no Brasil, que é sempre analisada em função do interesse dominante, vale dizer, branco. Mostra-se que a escravidão interessava às metrópoles europeias, à burguesia comercial, centrando toda a análise no ponto de vista da dominação. Importante destacar ainda que neste tema há um reforço da idéia de submissão do negro à escravidão, visto que sempre se enfatiza a não adaptação indígena ao trabalho forçado, sugerindo assim que o negro adaptou-se, omitindo-se aí as condições que dificultaram a sua reação, como foi o caso do violento processo de descenraizamento do qual essa raça foi vítima. Outra forma sutil de se promover a negação da contribuição que outras raças, especialmente a negra, deram ao nosso processo

nossa história; porém essa mudança tem apresentado pouco impacto no quadro global que ainda persiste e mesmo ela (a mudança de postura) traz consigo, pelo menos, dois graves problemas: primeiro é que normalmente ela vem carregada de uma mitificação do papel que o negro desempenhou na reação a essa tendência discriminatória e essa supervalorização é prejudicial na medida em que omite as fragilidades da resistência negra, dificultando assim, o seu salto qualitativo; segundo é que nessas novas abordagens tem-se enfatizado personagens da história negra, tendendo-se a cair na tentativa de heroização desses personagens como contraponto aos heróis da história oficial-branca, o que é compreensível, mas que evidentemente não colabora para a auto-estima coletiva da raça, que fica depreciada diante do destaque de heróis e isso certamente inibe a força da crença como um todo, que fica à espera por líderes que magicamente assumam sua defesa.

José Ivan Barboosa Filho é professor de História da Rede Pública Estadual de Ensino, Professor Substituto de História da Universidade Federal de Sergipe e Vice-presidente do SINTSESE - Sindicato dos Trabalhadores da Educação no Ensino de 1º e 2º graus da Rede Oficial do Estado de Sergipe.

Bibliografia

- CELIA, Ana da Silva. A Discriminação do Negro no Livro Didático - Centro Editorial e Didático, Centro de Estudos Afro-Orientais, 1995;
 - DAVIES, Nichilas. As Camadas Populares nos Livros de História do Brasil - (texto contido no livro O Ensino de História e a Criação do Fato, organizado por JAIME PINSKY - Editora CONTEXTO - 1992

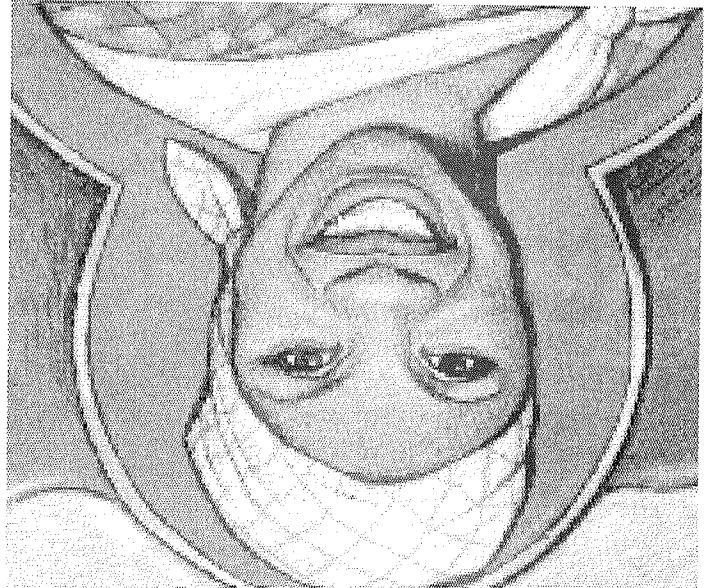
proprietários de escravos tiveram após a abolição, pela ausência de uma indenização por parte do Estado imperial agonizante. Esquecem-se de informar que sendo o 13 de maio uma "revolução social dos brancos, pelos brancos e para os brancos", logo em seguida esses mesmos proprietários serão agraciados com subsídios para a imigração, políticas públicas voltadas para os seus interesses econômicos e tantas outras recompensas.

Na realidade uma análise mais pormenorizada do conteúdo destes livros, só nos faz refletir como têm um papel importante neste contexto o movimento negro organizado, que deve cada vez mais fortalecer a sua luta no sentido de denunciar tal realidade, tentando sempre superá-la e também o professor, que como mediador do livro didático na sala de aula deve sempre abordá-lo de maneira crítica, produzindo alternativas para a visão conservadora e discriminatória desse instrumento pedagógico.

Por último, é necessário que se enfatize que já se vem ensaiando em alguns livros uma mudança de postura em relação ao papel do negro em

meramente economicista, omitem o agravamento da situação social e trabalhista do negro nesse contexto. Quando se trata do processo de imigração em nosso país, é girante a forma como a maioria dos autores reforçam a falácia da incompetência negra para a adequação ao trabalho assalariado, industrial. E como se essa raça fosse predestinada e habilitada apenas para o trabalho escravo, cabendo agora ao branco o exercício de uma atividade mais qualificada e remunerada. Aqui é escandalosa a omissão que se faz ao jovem que estuda, no sentido de se esclarecer, o processo de imigração, e a vontade de impedir a integração do negro no mercado de trabalho e, portanto, a obtenção da sua cidadania na sociedade industrial; como também, o desejo hipócrito de "branquear" a nação, substituindo o negro africano pelo branco europeu.

O famoso 13 de maio também não escapa ao tratamento equivocado, pois não é raro encontramos autores que enfatizam as perdas econômicas que os



No livro didático, sempre se vê o negro no papel de coadjuvante e servil, como é o caso da mulher negra, comumente associada à empregada doméstica

A Pedagogia Intere tica nas Escolas de Salvador

Manoel de Almeida Cruz

A Pedagogia Intere tica se constitui no resultado prático de uma pesquisa acerca das rela es raciais, realizada pelo Núcleo Cultural Afro-brasileiro em 1978 na cidade de Salvador, em colabora o com os estudantes de Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia.

Linguagem ordinária, que investiga o significado da linguagem a partir do seu uso. Isto  , a linguagem não deve ser analisada fora de seu contexto sócio-cultural, o significado de uma palavra ou de uma frase depende daquele que a usa, quando, onde, com que objetivo e em que situa o. Portanto, este método de análise da linguagem ordinária permite detectar a manifesta o do preconceito racial na linguagem cotidiana. Como por exemplo: "dia negro", "coisa preta", "coisa de negro", etc.

1.3 - Método Semiológico

O Método Semiológico com base na teoria dos signos, permite uma leitura mais abrangente do preconceito racial e do supremacismo branco que se expressam nos objetos culturais e nos sistemas visuais (cinema, TV, publicidade, ilustra es em revistas, livros e convites). Este método   capaz de detectar o supremacismo branco projetado nos objetos culturais, tais como: "meia cor da pele", "calcinha cor da pele", que se identificam com a cor branca que foi eleita indevidamente para representar a cor da pele humana.

2 - Métodos Operacionais de Combate ao Racismo indicados pela PI

2.1 - Método Circular

Este método consiste na elabora o de um currículo fundamentado na cultura e na história dos grupos étnicos oprimidos da sociedade brasileira, no caso, o negro e o indio. O método curricular se fundamenta em uma a o multidisciplinar, atingindo todas as

Objetivos da Pedagogia Intere tica

A referida investiga o, no campo da sociologia das rela es raciais mostrou que o processo educacional (escola, famlia, comunidade  , meios de comunica o social)   o principal fator de transmissão de atitudes preconceituosas desfavoráveis ao negro e ao indio  , que, são através deste mesmo processo educacional será possvel combatê-las.

A Pedagogia Intere tica tem como objetivo estudar o preconceito racial, o racismo e o etnocentrismo veiculados pelo processo educacional, ao tempo em que propõe medidas educativas para combater esses fen menos nocivos   conv ncia sócio-racial, a partir de uma interven o cientfica no processo educacional.

1 - Métodos de Pesquisa sobre o Preconceito Racial

1.1 - Método Sociológico

Consiste na pesquisa empfrica de mensura o das atitudes fornecendo dados a respeito do que as pessoas sentem, pensam, esperam ou desejam no seu contexto social acerca dos grupos étnicos. Este método aconselha a aplica o de entrevista e questionários não diretivos de distância social, formulando perguntas tais como: Você casaria com uma pessoa negra? Você jantaria com um negro? e etc.

1.2 - Método de Análise da Linguagem Ordinária

Este método se fundamenta na filosofia da

disciplinas constantes dos currículos escolares a nível de conteúdos programáticos.

2.2 - Método Etnodramático

O método Etnodramático lança mão do

teatro como um instrumento educativo,

visando à mudança de atitude preconceituosas

contra o negro e o índio na estrutura global da

sociedade, a exemplo do BANDO DE

TEATRO OLODUM que vem realizando um

importante trabalho neste sentido.

2.3 - Método de Comunicação

Total

Utiliza uma linguagem total, objetivando o

combate ao racismo e ao etnocentrismo, ou

seja, utilizando o cinema, a TV, o vídeo, os

slides, os debates, as palestras, os textos e as

cartilhas educativas.

3 - Aspectos Estruturais da PI

3.1 - Aspecto Psicológico

Esclarece as questões relacionadas com o complexo de auto-rejeição e de inferioridade

por parte dos grupos étnicos

oprimidos (negro/índio), bem como o

complexo de superioridade por parte do

homem branco.

3.2 - Aspecto Histórico

Estuda e reflete sobre os fatores históricos

que determinaram o desenvolvimento dos

grupos étnicos oprimidos, além de efetuar

uma revisão crítica da historiografia desses

segmentos oprimidos.

3.3 - Aspecto Sociológico

Aqui abordamos a situação sócio-

econômico dos grupos étnicos oprimidos,

investigando as causas histórico-sociológicas

que determinam a marginalização desses

grupos na sociedade.

3.4 - Aspecto Axiológico

Reflete sobre a predominância dos valores

éticos e estéticos impostos pela civilização

ocidental sobre os demais povos.

3.5 - Aspecto Antropo- biológico

Este aspecto analisa e critica as pseudo-

teorias da superioridade racial,

desmistificando-as de acordo com as pesquisas

da antropologia contemporânea.

4 - Procedimento

Metodológico da PI

4.1 - Procedimento

Etnofenomenológico

Consiste na aplicação do método

fenomenológico nas relações interculturais, na

medida em que se ponham entre parênteses e

idéias preconcebidas, crenças tradicionais e

teorias que se tenham contra este ou aquele

grupo étnico.

4.2 - Procedimento Dialético

O procedimento dialético permite uma

visão de conjunto da realidade, a partir de uma

consciência crítica e transformadora. Este

método permite a percepção e a compreensão

das contradições inerentes aos sistemas

opressores e racistas.

5 - Prática da PI

Atualmente a Pedagogia Intercultural está

sendo aplicada na Escola Criativa Olodum,

dentro de um enfoque multidisciplinar,

abrangendo as seguintes disciplinas: história,

artesanato, dicção e imitação de voz, teatro,

reforço escolar, inglês, informática, artes

plásticas, violão, teclado, tupi-guarani, jorubá,

além do curso formal que atende do pré-

escolar até a 4ª série do 1º grau.

Por outro lado, as escolas da Rede

Municipal de Ensino da Cidade de Salvador,

por força de um programa de cooperação

técnica entre a Escola Criativa Olodum e a

Secretaria Municipal de Educação, adoraram a

Pedagogia Intercultural que foi lançada

oficialmente a nível de projeto piloto na escola

Alexandrina Santos Pira, em um bairro

periférico de Salvador.

Não esquecendo, ainda, que a Câmara

Municipal da Cidade de Salvador aprovou, em

maio de 1993, um projeto de lei que institui à

Pedagogia Intercultural nas escolas da Rede

6 - Didática Interétnica de 1º e 2º graus - Conteúdos para uma didática do negro

6.1 - Ensino de História e Estudos Sociais

Municipal de Ensino. Assim, a Pedagogia Interétnica se constitui em uma pedagogia anti-racista, buscando apoio na Pedagogia Social, no que se refere às mudanças de atitudes racistas, além de esclarecer os fatos históricos que condicionaram o processo de opressão das etnias dominadas pelo colonizador branco. Por conseguinte, esta pedagogia em questão reconhece profundamente a importância da ação política para a libertação e a afirmação da identidade étnica por parte do negro no Brasil e na Diáspora.

a) Solicitar aos alunos pesquisas sobre as causas objetivas que determinaram o desenvolvimento dos grupos étnicos dominantes;

b) Estudar os fatores que condicionaram a abolição da escravatura no Brasil;

c) Estudar o processo de resistência política e cultural do negro contra a ordem escravocrata, além de destacar a presença de heróis negros na história do Brasil, a exemplo de Zumbi dos

Palmares, Luiz Gama, João Cândido e tantos outros;

d) Pesquisar a partir da África os vários grupos que aqui chegaram, a exemplo dos iorubás, congos, angolas, tapas e outros;

e) Estudar a história dos grandes reinos africanos no período que antecede ao tráfico de escravos;

f) Pesquisar sobre o negro no mercado de trabalho e na vida pública brasileira;

g) Estudar a psicologia dos grupos étnicos dominados (o negro e o índio) considerando os complexos de inferioridade, de auto-rejeição e de rejeição do outro,

causados pela perda da identidade étnica.

6.2 - Ensino de Geografia

a) Procurar localizar geograficamente a antiga

a) Orientar os alunos a elaborar em redação inspirados em temas tais como: o preconceito anti-negro; o negro e a educação; o negro no mercado de trabalho; contribuição do negro para a formação cultural e econômica do

6.3 - Ensino da Língua Portuguesa

República de Palmares; b) Levantar os recursos materiais do continente africano; c) Estudar a economia, países, povos, etnias e cultura do continente africano.

Brasil; a República de Palmares; o negro nas artes e nos esportes, etc. b) Estudar a importância das línguas africanas no português falado no Brasil, bem como o estudo de literatura africana de expressão portuguesa (Mogambique, Angola, Guiné e Cabo Verde)

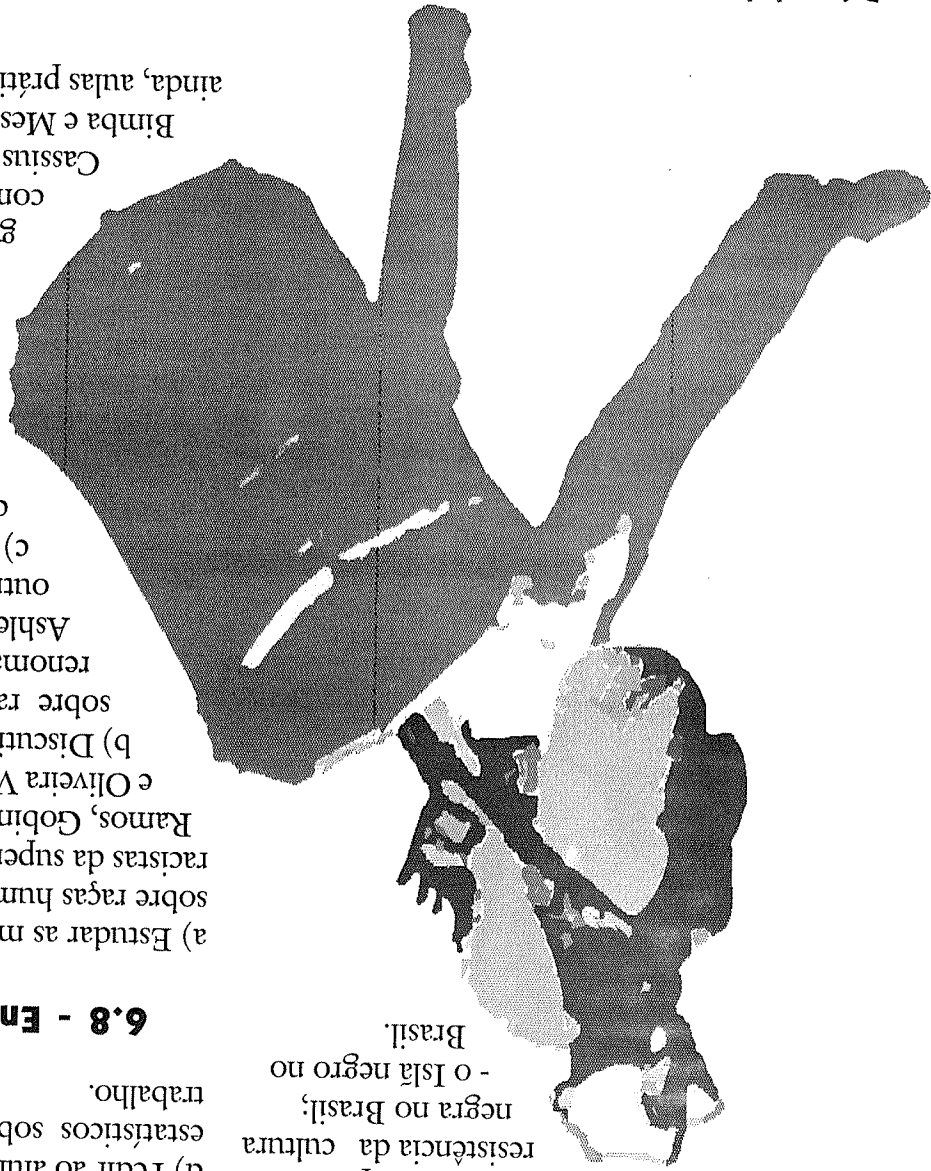
6.4 - Ensino de Literatura

a) Solicitar trabalhos de pesquisa sobre o negro na literatura brasileira como

personagem e autor; b) Destacar figuras como: Machado de Assis, Cruz e Souza, Lima Barreto, Luis Gama, Dom Silveiro Pimenta, Gonçalves Crespo e



O poeta e militante negro Solano Trindade é abordado no ensino de Literatura.



6.5 - Ensino de Religião

- a) Estudar a imprensa negra no Brasil e a literatura contemporânea representada por Solano Trindade, Lino Guedes, Curti, Jonathas Conceição, Oswaldo de Camargo, Mestre Didi, Cubi, Inac, Jamu Minka, Estevão Maya e tantos outros expoentes da literatura negra contemporânea, comprometidos com a luta de libertação do negro brasileiro;
- d) Na literatura dramática deve se recomendar as obras de Abdias do Nascimento, a partir do teatro experimental do Negro.

- a) Estimular a pesquisa sobre as religiões africanas no Brasil dentro de uma perspectiva anti-etnocentrista e ecumênica, destacando itens tais como:
- realidade social das religiões afro-brasileiras;
 - religião como pólo de resistência da cultura negra no Brasil;
 - o Islã negro no Brasil.

6.7 - Ensino de Matemática

- a) Realizar debates na sala de aula sobre a importância da Lei Afonso Arinos; Declaração das Nações Unidas sobre a Discriminação Racial e dos Direitos Humanos.
- b) Discutir o conceito jurídico de racismo enquanto contravenção penal e crime inafiançável.
- c) Discutir o status jurídico do negro após a extinção da ordem escravagista e o exercício efetivo de sua cidadania.

6.8 - Ensino de Biologia e Química

- a) Representar o negro e o índio como elemento dos conjuntos.
- b) Solicitar dos alunos levantamento de pessoas negras que exercem profissões liberais.
- c) Solicitar pesquisa de salário de pessoas negras.
- d) Pedir ao aluno que verifique dados estatísticos sobre o negro no mercado de trabalho.

- a) Estudar as modernas teorias antropológicas sobre raças humanas e, desmoralizar as teorias racistas da superioridade racial de Arthur Ramos, Gobineau, Lombroso, Chamberlain e Oliveira Vianna.
- b) Discutir as declarações científicas sobre raças humanas assinadas por renomados cientistas a exemplo de Ashley Montagu, Dobzhansky e outros.
- c) Pesquisar sobre a importância da melanina na pele humana.

6.9 - Educação Física

- a) Estudar nas aulas teóricas a história da capoeira e a biografia de grandes desportistas negros como Adhemar Ferreira da Silva, Cassius Clay, Jesse Owens, Mestre Bimba e Mestre Pastinha. Recomendando ainda, aulas práticas de capoeira.

6.10 - Ensino de Educação Artística

- a) Pesquisar sobre as raízes africanas da congada, samba, maracatu, maxixe, pagode, fricote etc. Estudar a biografia de: Donga, Clementina de Jesus, Dorival Caymmi, Pixinguinha, etc.
- b) Destacar a contribuição do negro nas artes plásticas, pesquisando a obra de mestre Didi, Carybé, Mário Cravo, Rubem Valentim, Agnaldo Santos e Manoel Bonfim.
- c) Pesquisar ainda os instrumentos musicais de origem africana, bem como a dança, cantos populares, provérbios, etc.

6.11 - Ensino de Línguas Estrangeiras

- a) No ensino de inglês deve se recomendar o estudo da literatura africana de expressão inglesa, especialmente nos Estados Unidos.
- b) No ensino de francês deverá se adorar o mesmo procedimento estudando a literatura africana de expressão francesa.

7 - Conteúdo para uma didática do índio

7.1 - Ensino de História e Estudos Sociais

- a) Origem dos índios e hipóteses recentes sobre os índios.
- b) As várias nações indígenas, língua, costumes, organização política social das nações indígenas no Brasil.
- c) Ritos de casamento, funerais, de iniciação e de nascimento.
- d) Divisão social do trabalho.

7.2 - Ensino de Geografia

- a) A localização geográfica das nações indígenas no território nacional.
- b) Riquezas naturais no solo e subsolo das nações indígenas, atividades agrícolas e pastoril.
- c) Conflitos de terra e demarcação das terras pertencentes aos índios. Doenças contraiadas no contato com o branco.

7.3 - Ensino de Língua Portuguesa

- a) Solicitar dos educandos redação

6.10 - Ensino de Educação Artística

fundamentada em temas relativos a cultura e a situação existencial do índio. Estudar a presença de palavras indígenas no léxico da língua portuguesa.

7.4 - Ensino de Literatura e Educação Artística

- a) Literatura indígena oral, expressa nos contos e fábulas. Escritores brasileiros que exploram o índio como personagem de suas criações literárias, a exemplo de Gonçalves Dias e José de Alencar.
- b) Pintura corporal indígena, arte em pedra, arte plumária, traçado, cerâmica, pintura e desenho, dança, música e arte dramática indígena.

7.5 - Ensino de Religião

- a) O ser supremo dos índios no Brasil.
- b) O sistema simbólico religioso e as divindades indígenas.
- c) Mitos e ritos religiosos.
- d) A importância do curandeiro na tribo.

7.6 - Ensino de OSRB

- a) Discutir o estatuto do índio, status jurídico do índio e sua cidadania.
- b) A questão das terras indígenas e seu aspecto jurídico e político.
- c) A política indigenista alternativa.
- d) Conflitos entre a sociedade indígena e a sociedade envolvente.
- e) A presença do índio no quadro político

Los Pastores - Detalhe do óleo sobre tela de Pilar de Artstegui.



institucional.
(g) A educação indígena e a legislação brasileira.

No tempo presente, a Pedagogia Intercênica se fundamenta em pressupostos filosóficos que visam ao reconhecimento dos valores do homem enquanto sujeito integrante desta ou daquela etnia.

O ser humano, quer seja europeu, asiático, africano,

americano ou oriundo de qualquer parte do planeta, tem as mesmas estruturas ontológicas fundamentais e

o mesmo destino.

É o ser que pensa, sente e intui, está envolvido no

mesmo processo simbólico produzindo e

interpretando signos e códigos. Formula as

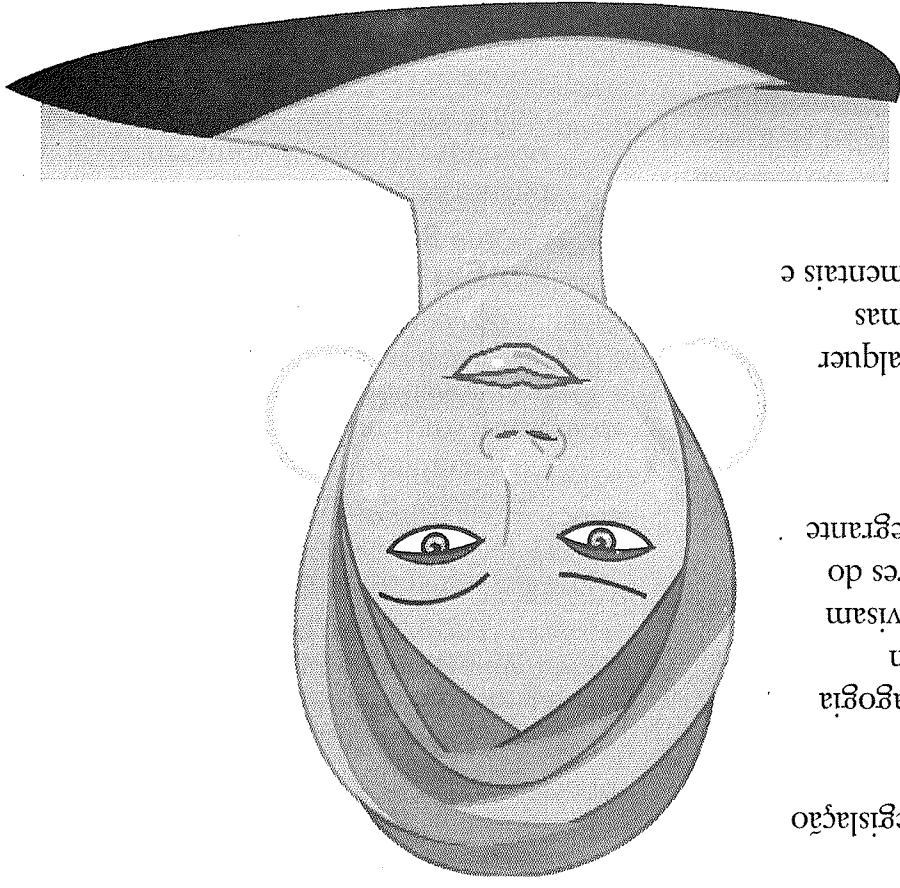
mesmas indagações: Quem sou eu? De onde venho? Para onde vou? Sente-se compelido a se

religiar a algo que pressupõe superior a si mesmo, a transcender, elaborando a partir daí,

a religião, o mito, a magia e a filosofia. Destarte, a Pedagogia Intercênica, além

desse compromisso com os entes axiológicos inerentes ao homem, procura estabelecer o

diálogo como instrumento primordial de



entendimento entre os vários grupos étnicos existentes no país, possibilitando, assim, a construção de uma autêntica democracia social e racial no contexto global da sociedade brasileira.

Manoel de Almeida Cruz é sociólogo e integrante da Coordenação Pedagógica da Escola Criativa Olodum

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Eliane. Raça, Conceito e Preconceito. São Paulo, ática, 1987.

AZEVEDO, Thales de. Democracia Racial. Rio de Janeiro, Vozes, 1975.

APPLE, Michael. Ideologia e Currículo. São Paulo, Brasiliense, 1982.

BARATA, Oscar Soares. A Questão Racial. Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas Ultramarinas, S.D.

BROOKSHAW, David. Raça e Cor na Literatura Brasileira. Porto Alegre, Ed. Mercado Aberto, 1983.

CAPALBO, Creusa. A Fenomenologia e as Ciências Humanas. Rio de Janeiro, J. Ozon, 1973.

COMISSÃO PRO-ÍNDIO. A Questão da Educação Indígena. São Paulo Brasiliense, 1981.

ECO, Humberto. Tratado Geral de Semiótica. São Paulo, Perspectiva, 1980.

ENGELS, Friedrich. A Dialética da Natureza. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

FANON, Frantz. Pele Negra Mascaras Brancas. Salvador, Fator, 1983.

O que é a SACL

No desenvolvimento das suas ações, a SACL vem contando com as importantes parcerias de Desenvolvimento e Paz/ Canadá, Oxfam/Inglaterra, Conselho Mundial de Igrejas/Suíça e Eze/Alemanha, além de outras entidades nacionais solidárias com a luta do povo afro-brasileiro.

A Sociedade Afro-sergipana de Estudos e Cidadania - SACL é uma organização não governamental, suprapartidária e ecumênica que desenvolve ações junto à população afro-brasileira, especialmente no Estado de Sergipe. O eixo institucional do seu trabalho, são as relações entre gênero, raça e cidadania pois acredita no papel fundamental destas dimensões para a exclusão e inclusão de pessoas na estrutura social. Internamente, nos organizamos a partir de programas e projetos alocados da seguinte forma:

- 1 - Programa para o Desenvolvimento da Cidadania - PRODEC
- 1.1 - Assessoria e ação comunitária
- 1.2 - Capacitação de Multiplicadores;
- 1.3 - Owe - Educação, Geração de Renda e Emprego;
- 1.4 - Educação e Pedagogia Interétnica;
- 1.5 - Negro e Cidadão - Assessoria Jurídica.
- 1.6 - Vivências, cultos e orixás

- 2 - Programa de Pesquisas, Estudos e Documentação - PROPED
- 2.1 - Banco de Informações e Pesquisas;
- 2.2 - Documentação e Biblioteca;
- 2.3 - Produção e Difusão de Conhecimentos;
- 2.4 - Arquivos da Memória Afro-sergipana.

GBALÁ assinie já!

Preencha este cupom, tire cópias ou recorte e envie para : SACL - Rua João Pessoa, 320 - Sala 405 - Centro - Aracaju/SE • CEP 49019-900 • Telefax: (079) 222-8202

4 Edições por apenas R\$ 18,00

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

CEP: _____

Fone/Fax: _____

Remeto cheque nº _____ Banco _____ Ag. _____

Remeto recibo de depósito efetuados para a SACL. Caixa Econômica Federal - Ag. 1733 - Fausto Cardoso - C/C nº 003 192-1

Data / / _____ Assinatura _____

GBALÁ assinie já!

Preencha este cupom, tire cópias ou recorte e envie para : SACL - Rua João Pessoa, 320 - Sala 405 - Centro - Aracaju/SE • CEP 49019-900 • Telefax: (079) 222-8202

4 Edições por apenas R\$ 18,00

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

CEP: _____

Fone/Fax: _____

Remeto cheque nº _____ Banco _____ Ag. _____

Remeto recibo de depósito efetuados para a SACL. Caixa Econômica Federal - Ag. 1733 - Fausto Cardoso - C/C nº 003 192-1

Data / / _____ Assinatura _____

GBALÁ assinie já!

Preencha este cupom, tire cópias ou recorte e envie para : SACL - Rua João Pessoa, 320 - Sala 405 - Centro - Aracaju/SE • CEP 49019-900 • Telefax: (079) 222-8202

4 Edições por apenas R\$ 18,00

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

CEP: _____

Fone/Fax: _____

Remeto cheque nº _____ Banco _____ Ag. _____

Remeto recibo de depósito efetuados para a SACL. Caixa Econômica Federal - Ag. 1733 - Fausto Cardoso - C/C nº 003 192-1

Data / / _____ Assinatura _____



Djumbay além de uma simples assinatura!

PARTICIPE
Concorra a brindes e promoções e
embargue conosco no
"Tricentenário
de Zumbi dos
Palmares".

ASSINE
Garanta a comodidade de
receber em casa, com
regularidade e segurança, o
que há de melhor na
Imprensa Negra nacional

LEIA
O Informativo da Comunidade
Negra Pernambucana e
acompanhe os caminhos da
arte e cultura negra.



Telefax Djumbay:
(081) 224 0637
Contato direto
com a Arte e
Cultura Negra